

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

Instituto de Ciências Humanas

Departamento de História

Licenciatura em História



Trabalho de Conclusão de Curso

Apropriações cinematográficas e sua relação com o passado histórico:

Análise do Programa Aktion T4 no cinema, através dos filmes *Nunca deixe de lembrar* e *Névoa em Agosto*

Caroline Lampe

Pelotas, 2023.

Caroline Lampe

Apropriações cinematográficas e sua relação com o passado histórico:

Análise do Programa Aktion T4 no cinema, através dos filmes *Nunca Deixe de Lembrar* e *Névoa em Agosto*

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto de Ciências
Humanas da Universidade Federal de
Pelotas, como requisito parcial para a
obtenção do título de Licenciatura em
História.

Orientador: Prof.^a Dra. Alessandra Gasparoto

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

L237a Lampe, Caroline

Apropriações cinematográficas e sua relação com o passado histórico : análise do programa aktion t4 no cinema, através dos filmes nunca deixe de lembrar e névoa em agosto / Caroline Lampe ; Alessandra Gasparotto, orientadora. — Pelotas, 2023.

96 f. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) — Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2023.

1. Obras cinematográficas. 2. Cinema. 3. Eugenia. 4. Eutanásia nazista. 5. Programa aktion t4. I. Gasparotto, Alessandra, orient. II. Título.

CDD : 940.5318

Elaborada por Leda Cristina Peres Lopes CRB: 10/2064

Apropriações cinematográficas e sua relação com o passado histórico:

Análise do Programa Aktion T4 no cinema, através dos filmes *Nunca Deixe de Lembrar* e *Névoa em Agosto*

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado, como requisito parcial, para obtenção do grau de Licenciatura em História, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa:

Banca examinadora:

Prof.^a Dra. Alessandra Gasparotto (Orientadora).

Doutora em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes.

Doutor em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Prof. Dr. Nilo André Piana de Castro.

Doutor em Ciência Política pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

**Pai e mãe, este trabalho é para vocês
e por vocês. Por todos os
ensinamentos, amor e me mostrarem
o valor dos laços de uma família.**

Agradecimentos

Ao escrever os agradecimentos, passam vários nomes em minha mente. Pessoas que estiveram de alguma forma ou de outra comigo neste trajeto, acreditando em mim, me ouvindo e principalmente, me incentivando.

Agradeço primeiramente a Deus, por me guiar até aqui e permitir correr atrás dos meus objetivos.

Márcia e Islando, meus pais. Por todo incentivo e suporte, não somente durante a graduação, mas durante todos esses anos. Por sempre acreditarem em mim e desde cedo me incentivarem a ir em busca de meus sonhos e também, sonharem junto comigo. Aos meus avós. Ao meu irmão Cleber, pelas minhas melhores lembranças da infância e por todas as conversas.

Ao meu companheiro de vida, Jonas. Que sempre compreendeu meus momentos dedicados aos estudos e que, atentamente ouviu todos meus anseios durante a escrita deste. Obrigada por tanto.

Agradeço a minha orientadora, Alessandra, que desde a primeira reunião, acreditou no potencial desta pesquisa e que com sua empolgação procurou me incentivar. Agradeço também a minha banca examinadora, Nilo e Aristeu.

Agradecimento também para minhas amigas, que acompanharam o processo de escrita, afirmando estar no caminho certo e também diminuindo meu nervosismo, quando necessário.

Seria um equívoco também não agradecer aos meus professores, durante toda minha trajetória enquanto estudante. Desde a primeira professora até adentrar no meio acadêmico, todos são responsáveis pela minha escolha pela docência e por ter esperança, acreditando no poder da educação.

Resumo

Na atualidade, é bastante frequente a produção de obras cinematográficas de cunho histórico, que muitas vezes recebem adesão entre o grande público. O contexto histórico do século XX na Alemanha é alvo dessas produções, essencialmente o contexto relacionado à Segunda Guerra Mundial, sobre a qual têm surgido inúmeras produções que retratam esse passado histórico. Estas obras, além de trazerem conhecimentos, contribuem para manter viva essa memória relacionada ao tema. No campo historiográfico, trabalhos com temáticas acerca das relações entre história e cinema não são recentes. Este trabalho, entretanto, apresenta um recorte inovador, ao tratar da análise do programa de eutanásia nazista em obras fílmicas. Seu objetivo é problematizar como o Programa Aktion T4 foi recriado em obras cinematográficas. Para tanto, serão utilizados dois filmes de produção alemã: *Névoa em Agosto* (2016) e *Nunca Deixe de Lembrar* (2018), que serão analisados para buscar responder como o programa de eutanásia nazista foi recriado no cinema. Além disso, são abordadas discussões acerca do contexto da Alemanha anterior à criação do Programa, no sentido de compreender as políticas de eugenia e suas relações com o Aktion T4, bem como sobre a importância do cinema na máquina de propaganda de Goebbels.

Palavras-Chave: Obras cinematográficas. Cinema. Eugenia. Eutanásia nazista. Programa Aktion T4.

Abstract

Nowadays, the production of cinematographic works of a historical nature is quite frequent, and they often receive adhesion among the general public. The historical context of the twentieth century in Germany is the target of these productions, essentially the context related to the Second World War, on which numerous productions have emerged that portray this historical past. These works, in addition to bringing knowledge, contribute to keep alive this memory related to the theme. In the historiographic field, works with themes about the relations between history and cinema are not recent. This work, however, presents an innovative approach, dealing with the analysis of the Nazi euthanasia program in filmic works. Its objective is to problematize how the Aktion T4 Program was recreated in cinematographic works. To this end, two films of German production will be used: *Mist in August* (2016) and *Never Look Away* (2018) that will be analyzed to seek to answer how the Nazi euthanasia program was recreated in the cinema. In addition, discussions are addressed about the context of Germany prior to the creation of the Program, in order to understand the policies of eugenics and its relations with Aktion T4, as well as about the importance of cinema in Goebbels' propaganda machine.

Key words: Cinematographic works. Cinema. Eugenics. Nazi euthanasia. Aktion T4 program.

Lista de figuras

Figura 1: Capa do filme Névoa em Agosto	74
Figura 2: Capa do filme Nunca Deixe de Lembrar	80

Sumário

1. Introdução	11
2. Alemanha: Contexto, formação e ascensão do Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães	21
2.1 Contextualizando a Unificação da Alemanha	21
2.2 Tratado de Versalhes e as consequências do pós-guerra para o território Alemão	25
2.3 Formação do Partido Nazista e sua ascensão.....	31
2.4 Hitler chega ao poder e torna-se Fuhrer.....	38
3. Discussões acerca dos conceitos de Darwinismo e eugenia e sua influência na Alemanha	43
3.1 Influência do Darwinismo e da eugenia em território alemão	43
3.2 Quem eram os indivíduos “inferiores” segundo os nazistas?	52
3.3 Leis eugênicas alemãs e o programa de eutanásia na Alemanha Nazista	54
4. Programa Aktion T4 e cinema: O T4 e suas apropriações cinematográficas	61
4.1 O cinema e seus usos na máquina de propaganda de Goebbels	61
4.2 Propaganda fílmica como arma política nazista	62
4.3 Obras cinematográficas e suas recriações acerca do passado histórico	67
4.4 O Programa Aktion T4.....	69
4.5 Análise do Programa T4 em <i>Névoa em Agosto</i>	74
4.6 Análise do Programa Aktion T4 em <i>Nunca Deixe de Lembrar</i>	79
5. Considerações finais	84
6. Referências	89

1. Introdução.

O Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães, mais conhecido e popularizado como Partido Nazista, ganhou notoriedade pela Europa e, principalmente entre o povo alemão, nas primeiras décadas do século XX. O partido, criado no ano de 1920, teve como seu líder Adolf Hitler e foi responsável por aplicar métodos bastante repressivos e de cunho totalitário.

Segundo Hannah Arendt (2012), movimentos totalitários necessitam das massas e buscam organizá-las em prol de seus objetivos:

Quando o totalitarismo detém o controle absoluto, substitui a propaganda pela doutrinação e emprega a violência não mais para assustar o povo (o que só é feito nos estágios iniciais, quando ainda existe a oposição política), mas para dar realidade às suas doutrinas ideológicas e às suas mentiras utilitárias (ARENDT, 2012, p. 474).

Ou seja, desta forma, estes regimes recebem grande adesão das massas através de suas manipulações e discursos que soam atrativos e o apoio por parte das massas é essencial para o partido ganhar notoriedade. Ainda, segundo Arendt (2012), regimes totalitários acabam disseminando o terror, sendo empregado contra alguns indivíduos. A definição de totalitarismo é complexa de cunhar, pois não existe somente uma explicação, assim:

O regime totalitário é resultante da união dos seis pontos seguintes: 1) uma ideologia oficial que diz respeito a todos os aspectos da atividade e da existência do homem e que todos os membros da sociedade devem abraçar, e que critica, de modo radical, o estado atual das coisas e que dirige a luta pela sua transformação; 2) um partido único de massa dirigido tipicamente por um ditador, estruturado de uma forma hierárquica, com uma posição de superioridade ou de mistura com a organização burocrática do Estado, composto por pequena percentagem da população, onde uma parte nutre apaixonada e inabalável fé na ideologia e está disposta a qualquer atividade para propagá-la e atuá-la; 3) um sistema de terrorismo policial, que apóia e ao mesmo tempo controla o partido, faz frutificar a ciência moderna e especialmente a psicologia científica e é dirigido de uma forma própria, não apenas contra os inimigos plausíveis do regime, mas ainda contra as classes da população arbitrariamente escolhidas; 4) um monopólio tendencialmente absoluto, nas mãos do partido e

baseado na tecnologia moderna, da direção de todos os meios de comunicação de massa, como a imprensa, o rádio e o cinema; 5) um monopólio tendencialmente absoluto, nas mãos do partido e baseado na tecnologia moderna, de todos os instrumentos da luta armada; 6) um controle e uma direção central de toda a economia através da coordenação burocrática das unidades produtivas antes independentes (BOBBIO; MATTEUCI; PASQUINO, 1998, p. 1249).

O Partido Nazista, sendo de cunho autoritário fez uso de algumas ideologias¹ e de alguns métodos repressivos e autoritários. Em relação aos autoritários, um destes era o Programa Aktion T4, o programa de eutanásia nazista, que será abordado com grande ênfase nessa análise. Tais métodos excluía judeus, homossexuais, ciganos e deficientes mentais físicos e mentais, sendo estes, os alvos de vários projetos implementados pelo partido, de modo a estes indivíduos serem considerados inferiores perante o restante da sociedade. Ainda, em relação aos deficientes, estes eram considerados inaptos ou indignos de viver, sendo considerados um fardo para o Estado.

Em relação aos indivíduos rotulados como “indignos de viver” e “inferiores”, na crença nazista, estes eram responsáveis por um atraso na prosperidade da raça ariana dita pura. Ou seja, pessoas com alguma deficiência, seja esta física ou mental, necessitavam que o governo arcasse com ajuda financeira e esse seria um dos motivos para atrasarem economicamente a prosperidade da raça ariana. Ainda, acreditavam que tais deficiências seriam repassadas aos seus descendentes, ou seja, acreditavam ser hereditário. Portanto, através da hereditariedade, estes indivíduos não “puros” atrasariam a construção do Império alemão que Hitler almejava, um Terceiro Reich ariano e forte, que pudesse dominar e expandir, o que não seria possível se houvesse deficiências e seres “inferiores” impossibilitando assim, a purificação racial, ainda, nesse sentido vale destacar que o indivíduo que fosse “puro” de sangue

¹ Para definir ideologia, utiliza-se o estudo de John Thompson, que afirma que “em termos das maneiras como o sentido, mobilizado pelas formas simbólicas, serve para estabelecer e sustentar relações de dominação: estabelecer, querendo significar que o sentido pode criar ativamente e instituir relações de dominação; sustentar, querendo significar que o sentido pode servir para manter e reproduzir relações de dominação através de um contínuo processo de produção e recepção de formas simbólicas” (2011, p. 79).

mas que tivesse alguma deficiência, estaria na lista a ser eliminado também, para os nazistas.

Assim, para os adeptos ao nazismo da época:

O homem germânico não deve apenas nascer, é preciso também ser, ou melhor, existir e provar sua excelência racial por meio de seu “desempenho” ou do seu “rendimento”, dois termos que se traduzem em alemão na mesma palavra, Leistung. Leisten é uma palavra que pertence aos léxicos das ciências físicas, da economia e do esporte: um membro da Volksgemeinschaft deve produzir economicamente e demograficamente (CHAPOUTOT, 2022, p. 77).

Portanto, segundo o autor acima, Volksgemeinschaft é compreendido como uma comunidade do povo, ou seja, para os nazistas, seriam um povo puro.

Deste modo, para colocar em prática tal projeto de nação, era indispensável o apoio das massas e a coesão de seus adeptos. Para tanto, Hitler juntamente com Joseph Goebbels, seu Ministro da Propaganda, fizeram uso de uma elaborada máquina de propaganda, dando ênfase principalmente na oratória, com discursos que levavam à emoção e comoviam o público, de modo a cativar as massas, através de falas que incluíam grande parte da população, uma estratégia para atraírem mais simpatizantes. Ademais, desde o começo de sua carreira na política, Hitler mobiliza os sentimentos de humilhação e revolta compartilhados por partes significativas da sociedade alemã devido aos tratados e consequências da Primeira Guerra Mundial².

² Após a Alemanha ter saído como derrotada e considerada responsável pela Primeira Guerra Mundial, os alemães encontravam-se insatisfeitos e com um sentimento de humilhação, pois “no Tratado de Versalhes os termos impostos à Alemanha incluíam, além da indenização pelos prejuízos causados durante a guerra aos países da Tríplice Entente (aliança entre Reino Unido, França e Império Russo), a perda de uma parte de seu território para nações fronteiriças, de todas as colônias sobre os oceanos e sobre o continente africano. A Alemanha também ficou obrigada a renunciar a todos os seus grandes navios de carga e a entregar suas principais minas de carvão. Recursos financeiros e bens particulares e privados de cidadãos alemães em outros países foram confiscados, o que nunca havia sido feito em nenhum outro tratado internacional anterior. O Tratado de Versalhes obrigou a Alemanha a entrar no túnel do tempo e retroceder ao tomar dela suas três principais fontes de riqueza: a indústria metalúrgica associada à exploração de ferro e do carvão, o comércio externo e o sistema de transporte” (PORTO; SILVA, 2019, p. 4).

Neste viés, ao alcançar poder, o Partido Nazista logo nos primeiros anos já iria colocar em prática meios para essa limpeza racial, sendo em julho de 1933 criada a primeira lei eugênica, que segundo Chapoutot (2022) visava a esterilização obrigatória dos indivíduos considerados doentes incuráveis, para assim evitar que se perpetue essa incapacitação, ou seja, visavam controlar a hereditariedade de deficiências, de modo que os nazistas acreditavam que eram passados de geração em geração. Ademais, a mesma se constituiu em um grande incentivo aos médicos para que estes se tornassem aderentes às práticas nazistas, com salários convincentes e valorizações para com essa profissão.

Ainda é importante acrescentar que embora na Alemanha tais leis tenham ganhado mais repercussão, já havia acontecido leis semelhantes nos EUA, assim:

Os Estados Unidos desde o fim da Era da Reconstrução(1865-1877), viviam o chamado “Separados, Mas Iguais”, que servia como uma justificativa para as Leis de Jim Crow, também conhecida como Leis Segregacionistas, que levou os brancos e negros a serem considerados iguais juridicamente, mas sem igualdade social, com diversos estados adotando leis proibindo o casamento inter-racial, brancos e negros sendo obrigados a frequentar escolas específicas para sua etnia e etc, condição que durou até os anos 60, década em que explodiu a Luta dos Direitos Civis, onde os negros foram a luta para que seus direitos fossem realmente reconhecidos e que fossem integrados na sociedade sem qualquer distinção (APRILE, 2022, p. 180-181).

De tal modo que o mesmo viria a ocorrer com judeus e indivíduos com deficiências, embora que com outras minorias também tenha ocorrido. Dessa maneira:

No Modelo das Leis Raciais Fascistas, existentes nos Estados Fascistas, os grupos dominantes, a partir da Superestrutura, criam uma estratégia junto de uma ideologia central, clara e coesa, para atingir seus objetivos de forma imediato e aberta, tomando medidas extremas para evitar o fracasso e usando de massivas propagandas pseudocientíficas para alienar o povo em relação a necessidade moral de segregar, explorar e exterminar os grupos considerados indesejados e inferiores (APRILE, 2022, p. 185).

Na Alemanha, também seriam impostas restrições aos semitas, assinadas e colocadas em prática em 1935, com as Leis de Nuremberg, de modo que:

Consistiu o referido conjunto legislativo de normas jurídicas ligadas a valores culturais segregacionistas e racistas, outorgadas em 15 de setembro de 1935 na cidade de Nuremberg, pelo Parlamento Alemão (o chamado Reichstag), que, na ocasião, estava composto na sua maioria por integrantes do partido nazista. A legislação discriminatória prenunciou a perseguição sistemática ao povo judeu, criando, literalmente, um sistema racial de reconhecimento da cidadania, baseado, sobretudo, em critérios relacionados à pureza de sangue. Desta forma, quem não se enquadrasse biologicamente dentro dos padrões étnicos e culturais, definidos pela ordem jurídica como oficiais, estaria completamente alijado da proteção estatal, sujeitando-se a qualquer tipo de anátema, inclusive ao extermínio (NOVAES, 2019, p. 175).

E ainda o mesmo autor acrescenta que:

Complementando os objetivos discriminatórios da legislação apresentada, também em 15 de setembro de 1935, a “Lei para a Proteção do Sangue e Honra Alemã” privava os judeus de quase todos os direitos civis individuais e políticos. Com a iniciativa, cindiu-se a sociedade alemã, para rebaixar oficialmente os judeus à qualidade de cidadãos de terceira categoria (NOVAES, 2019, p. 175).

Assim, é perceptível mais uma forma de autoridade imposta para uma parcela da população residente na Alemanha. Tal lei que visava privar judeus de direitos civis, bem como exercer suas funções profissionais acarretava também aos judeus que praticavam a medicina, pois o papel exercido pelos médicos era fundamental para os nazistas – e a profissão contava com um número elevado de judeus formados em medicina – eventualmente, a segregação dos judeus acabava reservando um alto número de oportunidades para os ditos arianos.

Outrossim, em 1939 surge o Programa Aktion T4, o programa de eutanásia nazista que recebeu este nome devido a Chancelaria do Reich possuir a sede em uma rua chamada de Tiergartenstrasse 4.

Segundo Navarro (2009), este era um programa sob o regime nazista, que supostamente daria uma morte misericordiosa para enfermos incuráveis. Este, que tinha como alvos crianças, adultos e idosos, estava sob direção majoritária do médico Karl Brandt. Embora acreditavam ser uma morte misericordiosa, era feito de forma involuntária, ou seja, as vítimas do mesmo não tinham o direito de consentimento sobre o ato ou nos casos dos bebês e crianças, seus responsáveis não estavam sabendo do programa. Assim, como justificativa para as mortes, eram emitidos prontuários de obituários falsificados, ocultando o verdadeiro motivo do óbito, feitas em instituições próprias para a ação. Assim:

El ingreso en el programa de eutanasia se iniciaba con el diagnóstico de una enfermedad psiquiátrica que incluía al paciente en la categoría de vida indigna de ser vivida, desviamiento del estándar, anormalidad (NAVARRO, 2009, p. 31).

Neste sentido, estavam sob o alvo desse Programa pessoas com deficiências físicas e mentais, principalmente. Ainda, conforme menciona Arendt (2012), as primeiras câmaras de gás foram construídas em meados de 1939 para essa finalidade e, posteriormente foram usadas para a Holocausto judeu. Ademais:

La muerte de los pacientes en los institutos psiquiátricos infantiles, de adultos y de los prisioneros del campo, se producía a través de la sobremedicación, el hambre, las infecciones, las investigaciones “científicas” a las que eran sometidos o las cámaras de gas (NAVARRO, 2009, p. 32).

E após, as vítimas deste programa possuíam dois destinos:

Luego de la muerte los cuerpos de los pacientes psiquiátricos y de los prisioneros del campo eran incinerados o estudiados por destacados científicos preocupados por descubrir las alteraciones anatómicas específicas de la víctima, de acuerdo con la categoría que determinase su inclusión en el programa de eutanasia o ingreso al campo (NAVARRO, 2009, p. 32).

Em 1941, o programa foi denunciado e não teve apoio da população, embora que houvesse uma propaganda para tentar buscar apoio para com o povo, a mesma não acreditava na eutanásia nazista, embora que, nesse contexto havia sido lançado o filme *Ich Klage An*, sendo:

O filme que levou até os extremos a temática de exaltação da perfeição da raça ariana foi *Ich Klage an!* ("Eu Acuso!", 1941), de Wolfgang Liebeneiner, que tinha a pretensão de testar a reação da opinião pública em relação à lei que iria legalizar a eutanásia, através de um drama-romântico que explorava nobres sentimentos para justificar a série de assassinatos que seriam cometidos em nome da pureza da raça ariana e da grandeza da Alemanha: um médico, desesperado com a doença incurável da esposa, decide matá-la para evitar que sua amada continuasse sofrendo inutilmente, sem a mínima esperança de cura. Durante o julgamento do marido, seriam discutidas as implicações morais e racionais do método da eutanásia (PEREIRA, 2003, p. 114)

Ou seja, se buscava através do filme a aprovação para tal programa, no entanto, não foi o que aconteceu, a sociedade não estava a favor e não aceitaram tais justificativas trazidas no filme.

Ainda, segundo Pereira (2003), na Alemanha, o interesse em utilizar filmes como meios de propaganda iria começar já na Primeira Guerra Mundial, nos anos de 1914 e 1918, assim a "Unicersum Film Aktien Gesellschaft, mais conhecida como Ufa, foi um projeto estimulado e financiado pelo alto comando militar alemão para tentar reequilibrar a guerra de informação/propaganda sustentada com a Tríplice Aliança" (PEREIRA, 2003, p. 109), tal qual foi mantida durante a República de Weimar.

A gama de produções cinematográficas que abarcam contextos históricos são inúmeras, principalmente no final do século XX e com maior ênfase no século XXI. Tais produções se apropriam da História, procurando fazer uma releitura ficcional da mesma. Neste sentido, é indispensável analisar de forma criteriosa de que modo o cinema se apropria dessa memória do passado.

O Programa Aktion T4, foi um dos temas recriados pela indústria cinematográfica. Assim, esta pesquisa busca compreender como o Programa

Aktion T4 foi recriado pelo cinema. Quais as aproximações das obras com o passado histórico? Como a narrativa é organizada? A partir de uma perspectiva cronológica? Qual a recepção desses filmes na atualidade?

Para responder tais perguntas, o trabalho se desenvolveu, inicialmente, através de uma pesquisa bibliográfica, com a leitura e sistematização de bibliografia sobre o período e sobre as relações entre cinema e História. Para tanto, recorreu-se a leituras, seja livros, artigos e teses. A parte teórica foi embasada em vários autores, como Richard Evans, que escreveu acerca do contexto da Alemanha; Richard Weikart, que abordou sobre as terminologias de darwinismo e eugenia, autores como Roberto Chacon Albuquerque e Gabriela Madi Medeiros Barcellos, com contribuições acerca do programa de eutanásia nazista e ainda Heloísa Brustulin com seus estudos acerca do cinema e da propaganda nazista.

Há vários estudos relacionados à história e ao cinema que trata do contexto da Segunda Guerra Mundial, entretanto, o aspecto inovador deste Trabalho é a análise do Programa Aktion T4 nas obras fílmicas, pois este acaba não sendo um assunto tão disseminado, se formos comparar com outros episódios do nazismo. Em relação à escolha dos filmes, está se deu principalmente devido a serem filmes produzidos recentemente, e que, conseqüentemente, não possuem estudos sobre eles, o que favorece uma análise de caráter inovador, diferenciando-os de outras pesquisas.

Neste sentido, o filme *Névoa em agosto* (que tem como título original *Nebel im August*), de produção alemã, remete suas filmagens para o ano de 2015, e foi lançado em meados do ano de 2016. Sob direção de Kai Wessel e roteiro escrito por Holger Karsten Schmidt e Robert Domes, o filme, que pode ser categorizado no gênero de drama e história, ao longo de seus 121 minutos, mostra uma das violações cometidas pelos nazistas contra a vida humana.

No filme encontra-se o contexto da Alemanha nos anos 1930 e 1940, quando o protagonista do filme, Ernst Lossa (13 anos) é internado em uma

instituição psiquiátrica da Alemanha, o mesmo é descendente de Yeniche³. Logo, no início do enredo recebe acusações categorizando-o como ladrão, porém Lossa, nega, afirmando ainda que seu lugar não é na instituição devido a não “ser idiota”, conforme Lossa menciona em uma de suas falas. Ademais, acaba vindo a seu conhecimento que tal instituição está praticando a eutanásia nazista em seus pacientes e por fim, ele acaba sendo alvo do Programa Aktion T4. O filme, que será abordado de forma detalhada no capítulo três, foi recebido de forma aclamada pelo público.

O outro filme que será analisado é intitulado como *Nunca deixe de lembrar* (sob título em inglês *Never Look Away*), filme produzido na Alemanha, possui como diretor Florian Henckel von Donnersmarck, tendo sido lançado no ano de 2018, ou seja, também tido como uma obra mais recente. A obra teve inspiração na vida do pintor alemão Gerhard Richter e no elenco principal contou com atores como Sebastian Koch, Tom Schieling, Paula Beer e Saskia Rosendahl. A trama tem duração de 188 minutos e uma narrativa bastante detalhista, com uma fotografia admirável. Neste ínterim, o filme mostra a vida de Kurt Barnert, ainda enquanto criança e vemos várias etapas de sua vida em vários contextos da Alemanha do século XX. Todo o enredo está conectado, e embora este filme não tenha focado somente no programa Aktion T4, é válida a análise do Programa no filme. Tal obra fílmica também foi recebida de forma positiva, ao ser indicada à premiação⁴.

Tais filmes que possuem um contexto histórico são recebidos de forma positiva entre o grande público, logo, é de suma relevância estar ciente de que, ao assistir um filme que permeia um contexto histórico, há um estudo por trás da

³ Yeniche é um grupo social de povos viajantes alemães. “ The Nazi state officials knew of at least 30,000 people of the Travelling People whom they called “Gypsies” (ARCANGELIS, 2012, p. 8), ainda, é comum autores referirem-se à yeniches como ciganos e mestiços, portanto, poderiam ser considerados uma definição oposto ao de raça ariana, portanto, para os nazistas, eram seres inferiores.

⁴ O filme, em 2019, foi indicado a duas premiações no Oscar: Melhor fotografia e Melhor filme de língua estrangeira. Informação disponível em:
><http://www.cinefiloemserie.com.br/2019/03/critica-nunca-deixe-de-lembrar.html>< Acesso em: 25 abril 2023.

produção devido ao filme ser inspirado em fatos reais, e acaba ser comum ocorrer uma junção do fictício com a realidade histórica.

O cinema, desde os tempos do nazismo foi bastante usado, principalmente na propaganda – sendo uma ferramenta muito atraente –, o que evidencia o poder que a mesma possui. Neste sentido, os filmes utilizados para a análise foram produzidos no século atual, que fazem referência a um recorte temporal da Segunda Guerra Mundial, especialmente. É importante acrescentar ainda que ambos filmes foram produzidos na Alemanha, ou seja, palco do programa de eutanásia nazista.

Por fim, este trabalho de Conclusão de Curso foi dividido em três partes, de modo a responder às questões elencadas. No primeiro capítulo, foi analisado o período anterior ao programa Aktion T4, bem como o surgimento do Partido Nazista na Alemanha. O segundo foi focado em abordar como a eugenia disseminada na Alemanha no século XX e a busca por uma suposta “raça superior” resultou na criação do T4, de forma ainda a fazer uma relação com conceitos como darwinismo. E por fim, no último capítulo, a pesquisa abrangeu a máquina da propaganda nazista e o uso de filmes pelo regime, bem como é realizada a análise de como o programa Aktion T4 é retratado em ambos os filmes acima citados. Desta forma, buscou-se responder às indagações desta pesquisa.

2. Alemanha: Contexto, formação e ascensão do Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães.

Neste primeiro capítulo, será feita uma contextualização acerca da formação da Alemanha, palco da criação do Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães. Tal contextualização inicia-se ainda no século XIX, apesar do maior foco acabar sendo o século XX. Ademais, ao adentrar no contexto da Primeira Guerra Mundial, será fundamental abranger também as consequências desta, como o Tratado de Versalhes, após a instauração da República de Weimar e por fim, antecedentes que levaram Hitler à posição de Führer.

2.1 Contextualizando a Unificação da Alemanha

Para que seja possível analisar como se deu a formação do Partido Nazista e a disseminação de suas ideologias, é necessário voltar no passado histórico com o objetivo de compreender o contexto da Alemanha no século XX como um todo, com um olhar atento e de forma crítica.

A história da Alemanha é nitidamente marcada por impérios, os quais eram conhecidos como Reich – I Reich, II Reich e III Reich –; embora o foco norteador aqui seja o III Reich, é importante analisar os antecedentes do mesmo.

Na contemporaneidade, surgiram trabalhos de cunho acadêmico e historiadores que buscaram explicar como se deu a formação do Terceiro Reich. Após a Segunda Guerra Mundial, um historiador considerado o pioneiro em fazer estudos acerca do tema foi Friedrich Meinecke⁵, que em uma de suas publicações menciona que a ascensão do Terceiro Reich se deve:

À crescente obsessão alemã por poder mundial do final do século XIX em diante, começando por Bismarck e tornando-se mais intensa na era do Kaiser Guilherme II e da Primeira Guerra Mundial (EVANS, 2016, p. 22).

⁵ Para melhor entendimento: Meinecke foi um historiador alemão de excelência durante o começo até metade do século XX. Ele se manteve na Alemanha durante o Terceiro Reich, embora, jamais tenha aderido ao Partido Nazista.

Ou seja, o processo de criação do Terceiro Reich foi amparado por antecessores que obtiveram a mesma ambição territorial e de poderio.

Neste ínterim, o Primeiro Reich que antecedeu o Império de Bismarck, foi o Sacro Império Romano – da Nação Germânica – que foi fundada por Carlos Magno nos anos 800 e teve sua durabilidade até 1806, quando foi desfeito por Napoleão Bonaparte, segundo Evans (2016) esse seria visto como o grande Reich de Mil anos. Entretanto, ainda após o episódio de Waterloo⁶, os estados europeus realizaram o Congresso de Viena⁸, para discutir a reorganização do continente europeu. Consequência deste, surgiria a Confederação Germânica⁷ - confederação que tinha principados que eram soberanos e livres, cidades que estavam sob a autoridade da Prússia e Áustria –, entretanto, a maioria do povo ainda encontrava-se insatisfeita com a nova organização, exigindo um Estado alemão de forma única, que garantisse os direitos individuais e enquanto povo. Nesse sentido, o povo estava descontente e:

Passaram a acreditar que o jeito mais rápido de livrar a Alemanha de suas muitas tiranias, grandes e pequenas, era varrer os Estados-membros individuais da Confederação e substituí-los por um Estado alemão único embasado em instituições representativas e garantir os direitos e liberdades elementares - liberdade de expressão, liberdade de imprensa que ainda eram negados em muitas partes da Alemanha (EVANS, 2016, p.41).

⁶ Não é cabível para esta pesquisa dar ênfase à essa batalha, entretanto, é de suma importância salientar de que foi a batalha que derrubou o poder de Napoleão Bonaparte, momento que o mesmo ainda tentava recuperar seu prestígio, nesse sentido, segundo Hobsbawm (2015), a batalha ocorrida em junho de 1815, em Waterloo, região que hoje corresponde à Bélgica, o liquidou de uma forma que não pode recuperar mais esse seu poder. ⁸ Segundo Esteves e Gomes (2008, p. 2), o Congresso foi a “Reunião diplomática que pôs termo à longa guerra travada entre a França napoleônica e as outras nações, o congresso de Viena foi talvez o acontecimento mais notável do século XIX, procurando estabelecer um novo equilíbrio europeu e assegurar a paz entre as grandes potências”, ou seja “as negociações do congresso se iniciaram em setembro de 1814. Oficialmente, seus trabalhos foram inaugurados em 1º de novembro de 1814, sendo seu Ato final firmado em 9 de junho de 1815. Dentre os principais temas discutidos no Congresso de Viena, destacam-se seu Regulamento sobre a classificação e a precedência entre os agentes diplomáticos, a declaração sobre a abolição do tráfico de escravos e a livre navegação dos rios internacionais” (BUENO; OLIVEIRA, 2019-2020, p. 366), por fim, através desta, redefiniram as fronteiras europeias.

⁷ Segundo Evans (2016): “Quando a poeira baixou após a derrota de Napoleão em Waterloo em 1815, os países europeus implantaram uma organização sucessora do Reich na forma da Confederação Germânica, cujas fronteiras eram mais ou menos as mesmas e incluía, como antes, as partes da Áustria de língua alemã e tcheca”.

Neste contexto, com o intuito de resolver a crise e insatisfações do povo, o rei da Prússia nomeou Otto von Bismarck⁸ ao cargo de primeiro-ministro, em um momento do qual já ocorriam discussões acerca da unificação de transformar a Alemanha em uma Nação-Estado, embora não houvesse concordância de todos ainda. Bismarck, no começo de seu mandato, acabou declarando a guerra Franco-Prussiana. Desta forma, a Prússia saiu vitoriosa declarando o Tratado de Frankfurt⁹ que visava enfraquecer a França.

Nascia nesse ínterim um sentimento de patriotismo nacionalista germânico, através das guerras vitoriosas e de uma certa ambição por poder, o que acabou resultando, em 1871, na unificação da Alemanha que acabava favorecendo a economia ao gerar maior mercado, visando a construção do Império, sendo criado assim, o II Reich, no qual o rei da Prússia surge como figura de Kaiser – ou seja, Imperador – e Primeiro-ministro, o chanceler Bismarck. Essa:

Unificação nacional da Alemanha marca o início de uma nova fase histórica durante a qual o princípio nacional atinge sua plena afirmação, no interior dos Estados nacionais, tendendo a se generalizar em todo o continente europeu, tornando frágeis consequentemente os impérios multinacionais, tais como o Autro-Húngaro, o russo e o otomano (BOBBIO; MAUTTEUCI; PASQUINO, 1998, p. 803).

Assim, com a Constituição em 1871:

O novo Reich era uma confederação livre de Estados independentes, muito parecido com seu predecessor. O grande líder era o imperador ou Kaiser, título tomado do antigo dirigente do Sacro Império Romano[...], tinha amplos poderes, inclusive para a declaração de guerra e paz (EVANS, 2016, p.45).

E ainda segundo o mesmo autor:

⁸ Nasceu no ano de 1815, foi importante para a ascensão do Terceiro Reich, Evans (2016) afirma que Bismarck “fez sua reputação como o selvagem do conservadorismo alemão, dado a declarações brutais e ações violentas” (p. 39), isso se deve principalmente a ter crescido em um contexto de conservadorismo e aristocracia sendo pertencente à família de políticos europeus.

⁹ Tratado assinado em Frankfurt, território da Alemanha. Este, foi responsável pela França perder o território de Alsácia-Lorena, por exemplo.

A Alemanha, diferente de qualquer outro país europeu, havia se tornado uma Nação-Estado não antes da revolução industrial, mas no seu auge; e com base não em um estado único, mas em uma federação de muitos estados diferentes cujos cidadãos alemães eram unidos principalmente por uma língua, cultura e etnia comuns (EVANS, 2016, p. 59).

A Unificação da Alemanha que se procedeu durante a guerra Franco Prussiana, no ano de 1871, assim, nesse império unificado:

O Reichstag¹⁰ representava toda a gama da população germânica ampliada: os conservadores agrários com suas vastas propriedades rurais no leste, os industrialistas no norte e no oeste, os fazendeiros católico-romanos bávaros no sul e, numa escala crescente à medida que a economia se desenvolvia, as classes operárias industriais, com seus líderes socialistas, nos vales do Reno e do Ruhr (HOWARD, 2019, p. 27).

Neste ínterim, “o chefe intermediário entre o Reichstag e o Kaiser era o chanceler” (HOWARD, 2019, p. 27), sendo assim o Bismarck. Entretanto, com algumas divergências entre Guilherme II – o kaiser – e Bismarck, principalmente, relacionadas à Lei Antissocialista¹¹, Bismarck acabou renunciando e Guilherme II em 1888 assumiu de forma total o poder do império, o que aumentou ainda mais o orgulho que tinha de seu próprio exército. Ainda, no momento em que Guilherme II ascendeu como Kaiser anos antes, acabou resultando gradativamente no enfraquecimento da figura de primeiro-ministro de Bismarck no Reich alemão.

No final do século XIX e começo do século XX, o setor industrial e econômico dos alemães cresceu de forma acelerada, afetando também a medicina e ciência e ainda, foi um período em que diversas associações nacionalistas foram surgindo e ganhando notoriedade, como a Liga da Marinha,

¹⁰ Edifício político alemão.

¹¹ Lei Antissocialista, criada por Bismarck em um contexto que o intuito seria a identificação de inimigos internos que poderiam atrasar seus objetivos, através de perseguições e “pela lei antissocialista de 21 de outubro de 1878, por meio da qual ficaram proibidas quaisquer associações, encontros e jornais de cunho social-democrata” (ZAHREDDINE; STARLING, 2020, p. 221), ou seja, a mesma proibia partidos políticos social-democratas, socialistas e comunistas.

que foi fundada em 1898 com o objetivo de construir uma ampla marinha de guerra, caso fosse aprovada por membros do Reichstag:

Nesse contexto, com uma Alemanha unida, confiante de seu poderio militar e industrial, alimentada com o sentimento nacionalista e de invulnerabilidade em meio juntamente a uma tensão que havia no continente europeu devido as ambições imperialistas ligadas ao nacionalismo, fez a guerra acontecer (BARCELLOS, 2021, p. 16).

No começo do século XX, iria eclodir, segundo Vizentini (1996) um conflito moderno, no qual o conflito teve mais mortes de civis que militares, ainda merece uma menção aos gastos que a guerra trouxe. Outrossim:

Em 28 de junho de 1914 o estudante bósnio Princip, militante da organização secreta sérvia Unidade ou Morte, assassina o herdeiro do trono austríaco, o Arquiduque Francisco Ferdinando quando este visitava Sarajevo, desencadeando a chamada crise de junho de 1914 (Vizentini, 1996, p.41).

Da mesma maneira, esse episódio pode ser considerado o estopim para eclodir a Primeira Guerra Mundial – o que na visão dos alemães seria uma guerra curta e garantiriam a vitória – entretanto, apesar do sentimento de esperança e invencibilidade dos alemães, saíram derrotados, em 1918. Embora os alemães possuíam esse sentimento de vencer a Primeira Guerra Mundial de forma a não prolongar muito a mesma, as demais nações tinham o mesmo sentimento, característica do nacionalismo. O conflito ainda seria o responsável por um certo enfraquecimento da posição europeia no contexto mundial e favoreceu o “crescimento” dos EUA, mesmo que essa visão não tenha sido discutida ou mesmo analisada na época em que estava ocorrendo a Primeira Guerra Mundial.

2.2 Tratado de Versalhes e as consequências do pós-guerra para o território Alemão

A Primeira Guerra Mundial “começou como um conflito puramente europeu, que surgiu de ambições conflitantes e receios mútuos das potências europeias” (HOWARD, 2019, p. 21), ou seja:

A Primeira Guerra Mundial é considerada pela historiografia como a primeira grande guerra moderna em que morreram mais civis do que militares. As consequências imediatas daquele grande conflito foram os oito a nove milhões de mortos, os trinta milhões de feridos, o redesenho geopolítico da Europa, com o surgimento de vários novos países e a extinção de quatro grandes impérios (HEINSFELD; MAZUREK, 2014, p. 256).

Em 1918 terminava-se a Primeira Guerra Mundial, guerra em que a Alemanha saiu derrotada. Portanto, nesse contexto conturbado e caótico do pós-guerra, no qual os países ainda estavam em busca dos responsáveis e assim, os que deveriam arcar com a culpa. A despesa de cunho financeiro, principalmente, que abalou o mundo, acabou afetando e responsabilizando a Alemanha de maior proporção.

Woodrow Wilson - presidente dos EUA durante o período da Primeira Guerra Mundial - recomendou aos beligerantes¹² a fazerem a paz e não seguirem com a guerra, o que não ocorreu. Em 08 de janeiro de 1918 declarou quatorze pontos, que embasam “questões sobre assentamentos territoriais, autodeterminação nacional para as populações étnicas da Europa, prevenção de guerras para o futuro” (BARCELLOS, 2021, p.17). A Primeira Guerra Mundial iria chegar ao seu fim, em novembro deste mesmo ano.

No ano seguinte, emergia o Tratado de Versalhes com suas 440 cláusulas que não estavam aptas a negociações e foram recebidas pelo povo alemão com incredulidade. O Tratado – um acordo de paz realizado entre as potências que saíram como vitoriosas da Primeira Guerra Mundial juntamente com a Alemanha, que saiu derrotada e culpabilizada – despertou com o armistício em novembro de 1918, foi assinado em junho de 1919.

Para a Alemanha foi atribuída a culpa pela Primeira Guerra Mundial, que devido a não ter outra opção, acabou aceitando as exigências do acordo que

¹² Refere-se aos que estavam em guerra. Nesse caso, na Primeira Guerra Mundial incentivou a paz entre a Tríplice Aliança (Alemanha, Império Austro-Húngaro e Itália) com a Entente (Inglaterra, França e Rússia), ainda, a Itália entrou no conflito somente em 1915 assim como o Japão.

não foram moderadas, como esperavam. Todavia, concomitantemente com a humilhação e sentimento de revanche, o caos na Alemanha intensificou-se.

Com o Tratado de Versalhes, a Alemanha recebeu restrições no exército – ficou limitada somente a 100 mil soldados – e estava proibida de possuir tanques, recrutamento e ainda, não poderia ter força aérea, devido a evitar novos conflitos e isso seria possível se o exército fosse neutralizado. Por outro lado, a Alemanha acabou perdendo um décimo de sua população e especificamente 13% de seu território – a Alsácia-Lorena foi devolvida à França – e ainda, o Artigo 231, declarava que a Alemanha deveria aceitar a culpa exclusiva, proposta em uma cláusula específica. De modo que acabou não sobrando outro país a ser responsabilizado, pois Itália mudou de aliança durante a Primeira Guerra Mundial e os Impérios Autro-Húngaro e Turco-Otomano se dissolveram. Ademais:

O real objetivo do Artigo 231, contudo, era legitimar a imposição pelos aliados de reparações financeiras punitivas à Alemanha a fim de compensar franceses e belgas em particular pelo prejuízo causado por quatro anos e três meses de ocupação alemã (EVANS, 2016, p.107).

De modo que maior parte da Primeira Guerra Mundial se deu pelo Front Ocidental, em territórios da França, conseqüentemente, por anos, a Alemanha precisou pagar indenizações para amenizar o prejuízo. Outro fator que se relaciona com as indenizações é o revanchismo francês, devido a guerra Franco-Prussiana. O Tratado de Versalhes, segundo Barcellos (2016, p.19), não foi um tratado de paz, mas sim, intencionalmente desejavam prejudicar a Alemanha afim da mesma não recuperar seu poder e prestígio, a qual já estava bastante afetada devido ao pós-guerra, pois as conseqüências e as perdas da guerra foram muito visíveis, pois “morreram oito milhões de soldados, nove milhões de civis e, posteriormente, 6 milhões de pessoas devido à epidemia de Gripe Espanhola. Vinte milhões de pessoas ficaram invalidadas” (VIZENTINI, 1996, p. 78). Ou seja, a “guerra destruiu a hierarquia social, os valores morais e a estabilidade econômica pela Europa” (EVANS, 2016, p.27) e, a derrota acabou desencadeando um sentimento de inferioridade e humilhação entre os alemães,

além de um nascente sentimento de pertencimento e de nacionalidade. Segundo Evans (2016, p. 111) “o que transformou a cena nacionalista extremista não foi a guerra em si, mas a experiência de derrota, revolução e conflito armado ao final da guerra”, embora ainda, de acordo com as afirmações do mesmo autor, esse sentimento não poderia ser generalizado, pois nem todos os ex-soldados que lutaram no front desejavam seguir uma luta. Atrelado a isto, estava um sentimento de humilhação e nacionalidade que vai ser bastante difundido entre o povo alemão da época.

A Alemanha acabou fracassando em fazer uma transição de um período de guerra para um período de paz, pois a população estava insatisfeita e o caos perdurou por vários anos. Momento em que germina o nazismo, que viria ao poder em 1933, ou seja, quinze anos apenas separavam-no da derrota da Alemanha em 1918 para o advento do Terceiro Reich. Embora tais ideias ainda estavam na mentalidade de uma certa minoria da sociedade alemã. Segundo Evans:

A humilhação nacional, o colapso do império de Bismarck, o triunfo da social-democracia, a ameaça do comunismo, tudo pareceu justificar para alguns o uso de violência e assassinato para implementar as medidas que pangermânicos, antissemitas, eugenistas e ultranacionalistas vinham defendendo desde antes da virada do século para a nação germânica se recuperar (2016, p. 120).

E igualmente, segundo o mesmo autor:

A Primeira Guerra Mundial legitimou a violência em um grau que nem mesmo as guerras de unificação de Bismarck em 1864-70 haviam logrado. Antes da guerra, os alemães – ainda que de crenças políticas muitíssimo divergentes e agudamente opostas – eram capazes de discutir suas diferenças sem recorrer à violência (2016, p.115).

Embora essas ideias já estavam na mentalidade da minoria, a República de Weimar foi instaurada. A República de Weimar pode ser dividida em três fases, no qual a primeira (1918-1923) é marcada por uma reorganização

econômica e política ao mesmo tempo em que ocorrem conflitos, a segunda fase (1924-1929) pode ser descrita por uma certa estabilização e florescimento das artes e a última fase (1929-1933) é a fase em que a República adentra em uma crise, gerando o fim da mesma.

Com a abdicação do Kaiser e o exílio do Guilherme II na Holanda, com o declínio do governo de Bismarck, acabou assumindo Friedrich Ebert – considerado um calmo negociador, que queria uma democracia parlamentarista –, Segundo Gilbert (2016), o mesmo, juntamente com outros representantes alemães assinaram o Tratado de Versalhes horas antes de exceder o prazo de assinatura. O respectivo faleceu devido a graves problemas de saúde em 1925. Nesse momento, entra em cena Paul von Hindenburg¹³, eleito pela maioria dos votantes e saudado – principalmente, pela direita – como um ser que viria a restaurar a sociedade alemã.

A Constituição da República de Weimar, que buscava agradar a esquerda como a direita, declarando que sua política estava de acordo da necessidade do Estado amparar seus cidadãos, diante disso, aperfeiçoaram programas tanto de seguro de saúde como também de pensões, ao mesmo tempo em que a medicina aflorou bastante neste período, devido ao grande apoio recebido. Tais propostas foram bem recebidas pela sociedade alemã, porém na prática não foram cumpridas com tanto êxito, pois os altos índices de dificuldade financeira não conseguir amparar totalmente os programas ao mesmo tempo em que os impostos aumentaram e a inflação alavancou grandemente, de modo que:

A economia não só teve que suportar a carga do seguro-desemprego depois de 1927, como em 1926 ainda estava pagando pensões a quase 800 mil ex-soldados inválidos e 360 mil viúvas de guerra, e amparando mais de 900 mil crianças sem pai, e tudo isso em cima de um sistema já existente de amparo estatal aos idosos (EVANS, 2016, p.193).

¹³ Hindenburg (1847-1934) foi um militar alemão, que esteve em grande envolvimento militar durante a Primeira Guerra Mundial. Posteriormente, viria tornar-se Presidente da Alemanha. Adiante – neste mesmo capítulo – será focado mais na figura deste.

Portanto, tentar solucionar os problemas era um dos objetivos da República de Weimar, o que na prática acabou sendo algo de ampla complexidade, atrelado aos fracassos econômicos jamais vivenciados na Alemanha.

Ademais, nos anos 20, os judeus ainda possuíam certas liberdades, na República Weimar, fazendo-se presentes na imprensa e jornais populares da época. Ou seja, estavam com sua economia não tão afetada quanto o restante da Alemanha em sua maioria. Por conseguinte, houve uma difusão de ideias antissemitas, o que foi se agravando com o passar dos anos. Desse modo:

As condições dos hebreus se agravam sempre mais; com início da Segunda Guerra Mundial e avanço do exército nazista, teve início o extermínio sistemático das comunidades hebraicas da Europa (BOBBIO; MAUTTEUCI; PASQUINO, 1998, p. 43).

Tais ideias antissemitas ganham mais notoriedade e são mais propícias a ganharem adesão em tempos de crise, o que foi usado muito a favor de adeptos do Partido Nazista, posteriormente, embora o antissemitismo não tenha iniciado no século XX na Europa, o mesmo já vinha perpassando as décadas. Apesar de tais ideias estarem sendo disseminadas de forma discreta, os nazistas ainda não estavam usando a violência física contra os judeus.

Os judeus estavam presentes em quase todo lugar e podiam simbolizar com facilidade tudo o que havia de mais odioso num mundo injusto, inclusive seu compromisso com as ideias do iluminismo e da Revolução Francesa que os tinham emancipado e, ao fazê-lo, os havia tornado mais visíveis. Eles podiam servir como símbolo do odiado capitalista/financista; do agitador revolucionário; da corrosiva influência dos "intelectuais sem raízes" e dos novos meios de comunicação; da competição que lhes dava uma fatia desproporcional dos empregos em certas profissões que exigiam educação; e do estrangeiro e forasteiro como tal (HOBBSAWN, 1995, p. 98-99).

Com um histórico de perseguições, judeus buscavam investir em profissões que prevaleciam o conhecimento pessoal e que, facilmente poderiam

ser adaptadas em outras regiões, nesse ínterim, dando ênfase nas profissões relacionadas às finanças, advogados e médicos.

2.3 Formação do Partido Nazista e sua ascensão

Adolf Hitler, austríaco de nascimento, nasceu em 20 de abril em 1889, em uma infância repleta de mudanças de casa. Em 1898, sua família instalou-se em Linz, região que Hitler considerava o seu lar. Seu pai acabou falecendo em 1903 e alguns anos depois, sua mãe viria a falecer devido a um câncer de mama, em 1907. Neste mesmo ano, foi recusado a ingressar na Academia Vienense de Artes, o que para Hitler, poderia ter sido a realização de um grande desejo, o de se dedicar para as artes. Tentou novamente ingressar, porém foi rejeitado pela segunda vez. Após ter sido rejeitado, mudou-se para Viena e passou a viver a vida de forma ociosa, segundo Evans (2016), Hitler era frequentador assíduo e admirador das óperas de Richard Wagner, que era um antissemita e acabou por aproximar tais ideologias na mentalidade de Hitler. Sua vida financeira ficou mais estabilizada quando, aos 24 anos, em 1913 recebeu a herança de seu pai. Da mesma forma, vendia também quadro e pinturas. Ademais, segundo Fest (2017), Hitler buscou idealizar a figura de um personagem para si, assumindo assim aos seus 35 anos a atitude de um chefe, de forma fria e distante. Com isto, Hitler idealizou tornar-se um líder capaz de comover e mobilizar as massas, o que de fato, conseguiu.

Quando eclodiu a Primeira Guerra Mundial, alistou-se como voluntário na Alemanha – embora não fosse alemão de nascimento –, no Exército bávaro. No mesmo ano, foi para o front, em um misto de emoções por agora conseguir servir para a Alemanha possuindo uma missão a ser cumprida de forma honrosa. Iniciou a Guerra sendo mensageiro, foi promovido para ser cabo e recebeu duas condecorações. Entretanto, saiu do campo de batalha quando foi atingido por um gás tóxico e perdeu a visão de forma temporária. No hospital militar, na Pomerânia recebeu a notícia da derrota da Alemanha na guerra, ficou arrasado e buscando uma justificativa “agarrou-se avidamente à história da “punhalada nas costas” que se espalhava rapidamente” (EVANS, 2016, p. 222), diante disso, crescia dentro da Alemanha, essa noção de quem seriam os inimigos, ou

seja, segundo Gilbert (2016), seriam os financistas judeus, o governo em Berlim como também os subversivos marxistas. Estes, na mentalidade de Hitler ocasionaram a derrota em 1918.

Em 1919, Hitler foi muito incentivado por seu oficial superior a ter uma instrução política - momento em que iniciava sua carreira política - assim, após fazer um curso a respeito, logo destacou-se e foi chamado a ministrar um curso de mesmo âmbito, do qual foi o momento propício para perceber sua convicção na oratória. Filiou-se ao Partido dos Trabalhadores Alemães e em 1920 optou por dedicar-se somente à política, deixando o Exército. O partido fundado por Anton Drexler – trabalhou com maquinário e posteriormente como serralheiro – e o jornalista Karl Harrer, era um pequeno partido de viés nacionalista, sendo compreendido por nacionalista como “um componente essencial das ideologias fascista e nazista” (BOBBIO;MAUTTEUCI;PASQUINO, 1998, p. 805), embora que neste momento ainda não tenha sido um movimento de massas.

O nacionalismo veio a se tornar uma característica muito marcante do Partido Nazista:

Em seu sentido mais abrangente o termo Nacionalismo designa a ideologia nacional, a ideologia de determinado grupo político, o Estado nacional [...]. O Estado nacional gera o Nacionalismo, na medida em que suas estruturas de poder, burocráticas e centralizadoras, possibilitam a evolução do projeto político que visa a fusão de Estado e nação, isto é a unificação, em seu território, de língua, cultura e tradições (BOBBIO; MAUTTEUCI; PASQUINO, 1998, p. 799).

Hitler destacou-se com seus discursos, através de sua oratória que emocionava o público, pois fazia uso do emocional, assim em seus discursos:

Usava linguagem simples e direta, que gente comum podia entender frases curtas, poderosas, slogans emocionantes. Começando frequentemente os discursos de modo calmo, para capturar a atenção da plateia, gradativamente elevava-os até um clímax; a voz grave, um tanto rouca, subia de tom [...] acompanhado por gestos dramáticos cuidadosamente ensaiados, o rosto brilhante de suor, o cabelo escuro e escorrido caindo sobre o rosto enquanto ele induzia a plateia a um frenesi de emoção (EVANS, 2016, p. 226).

Ou seja, buscava transmitir confiança com o intuito de mostrar a autoridade de sua identidade e não deixar dúvidas para quem escutava suas falas.

Em 1920, o partido alterou o nome para Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães. O Partido Nazista segundo os autores Azevedo e Koehler (2020):

É uma ideologia nacionalista, anticomunista e antisemita. Em seu livro *Mein Kampf – Minha Luta* –, Hitler conta que um dos objetivos da doutrina seria a constituição de um Estado racista cuja maior prioridade estaria na conservação e no progresso do sangue ariano (p. 2).

Ainda, Hitler era um admirador nato de artes, tanto usado depois em seus uniformes que eram trajes esteticamente bem produzidos e que chamavam a atenção, com a bandeira do Partido não poderia ser diferente.

Escolhida em 1920 de forma majoritária por Hitler:

O fundo era vermelho-brilhante, a cor do socialismo, com a suástica, o emblema do nacionalismo racista, delineado em negro no meio de um círculo branco no centro da bandeira, de modo que o conjunto fazia uma combinação de branco, vermelho e negro, as cores da bandeira oficial do império de Bismarck (EVANS, 2016, p. 229).

O general conhecido como Erich Ludendorff, ficou fora da Alemanha por um ano após o término da guerra, logo soube a respeito de Adolf Hitler. Não obstante soube de Hitler, como também o apoiou em um golpe de Estado, que fora planejado para o dia nove de novembro de 1923. A escolha dessa data também foi simbólica devido a data remeter-se à datação em que ocorreu a Revolução de 1918. Pois:

Em Berlim, a 9 de novembro de 1918, mais de 100 mil operários saíram das fábricas na madrugada, dirigindo-se para o centro da cidade. Fizeram paradas no caminho para arrastar outros operários, e também diante dos quartéis. Esperavam o pior,

mas, apesar disso, a determinação era grande para tentar convencer os soldados (COGGIOLA, 2010, p. 19).

Nesse contexto, vários setores da sociedade entraram em greve, sendo uma forma de demonstrar insatisfação para com o governo, que posteriormente Guilherme II sairia do posto de Kaiser, pois seria instaurada a República de Weimar.

No dia anterior, na cervejaria Burgerbraukeller, em Munique, Hitler fez um discurso afirmando a convicção de suas ações, disposto a tomar o poder, junto com Ludendorff decidiu fazer uma marcha na mesma cidade em direção ao Ministério da Guerra. Tal marcha, que ocorreu na data prevista contava com aproximadamente dois mil adeptos a marchar, entretanto, a polícia conseguiu travar a marcha, após um dos lados disparar um tiro, do qual segundo Evans (2016) as afirmações acerca qual dos lados teria dado o início com os tiros, são conflitantes. Houve resistência e violência, Ludendorff e outros golpistas foram presos e Hitler, levado para uma casa no campo - Hanfstaengl -, vindo a ser preso em onze de novembro do respectivo ano.

Fica claramente compreendido que Hitler muito inspirou-se nos passos do fascismo de Benito Mussolini, ou seja, “la marcha sobre Roma y el advenimiento del fascismo, en Italia, galvanizaron indudablemente al movimiento nacional-socialista” (ALVAREZ, 2015, p. 76), ou seja, Hitler entusiasmou-se ao ver a Marcha Sobre Roma, dia no qual Mussolini tornou-se primeiro-ministro da Itália. Ainda, foi influenciado até mesmo na adoção de Fuhrer, significando líder em alemão e Mussolini era chamado de Duce, líder em italiano. Embora, a intenção era a de alcançar poder como ocorreu com Mussolini em sua Marcha, mas não foi o que ocorreu.

Em suma, o julgamento deste episódio veio a ocorrer meses depois, em fevereiro de 1924. Neste, Hitler foi acusado pela violência contra os policiais e a alta traição contra o estado, sentenciado a cinco anos de prisão, enquanto que Ludendorff foi declarado inocente. Hitler então, foi preso no Landsberg, em uma cela com certos privilégios e possuía o direito de receber visitas também, ou seja, mesmo preso tinha determinadas liberdades.

Hitler, permaneceu preso durante nove meses, de modo a possuir certos privilégios, em sua cela escreveu seu livro autobiográfico *Mein Kampf - Minha Luta* -, esse foi então, o momento propício para culminar no aumento do ódio e para refletir em suas ideologias para propagar o futuro renascimento nacional da Alemanha, então, buscou dedicar-se para fazer leituras que foram auxiliares para moldar seus pensamentos e ideologias em busca da construção de uma Alemanha racial puramente limpa, declarando seu antissemitismo e racismo. Ademais, movido por um descontentamento político e econômico além do forte sentimento de pertencimento nacionalista antiliberal, com as ideias antissemitas e anticomunista, expôs suas ideias e de como sonhava tornar a Alemanha uma grande nação, ou seja:

O ideal defendido nesse livro é a hegemonia da raça ariana, na qual o povo alemão era descendente de arianos - um antigo povo que tinha a pele branca - dando origem à civilização europeia, alegando que a Alemanha somente se reergueria quando os povos se unissem num só povo, num só líder, perseguindo, excluindo e executando outras etnias e grupos minoritários considerados indesejados, uma segregada subclasse sem direitos, como os judeus, negros, ciganos, homossexuais e deficientes físicos e mentais (MOTA, 2018, p. 32).

O livro, foi publicado pela primeira vez em 1925, porém:

Após o suicídio do ditador Adolf Hitler os direitos de publicação foram pertencidos ao governo da Baviera, que vetou qualquer nova edição, até a data de 31 de dezembro de 2015. Os direitos autorais deixaram de existir, caindo no domínio público 70 anos após a morte do ditador, sendo possível a reprodução do livro sem o consentimento do Estado da Baviera, até então detentor desse direito (MOTA, 2018, p. 33).

Ademais, embora esteja em domínio público, a publicação deste é bastante delicada, devido ao conteúdo ser composto de ideologias extremistas. No entanto, “não há dificuldade em encontrar o livro *Minha Luta* em sites da internet, facilitando o seu download e permitindo a sua leitura pela íntegra” (MOTA, 2018, p. 33).

Neste ínterim, para colocar em ação suas ideias, precisava conquistar simpatizantes e comover massas, e para isso, seria necessário ter liberdade, assim nesse momento, devido a decisões da Suprema Corte da Bavária, saiu em condicional no momento em que ainda faltavam cerca de quatro anos para cumprir a pena de prisão. Ainda, seu julgamento devido a imprensa e jornais, foi de suma relevância para tornar sua figura reconhecida.

Apesar de uma congruente estabilidade na política alemã, com a morte de Friedrich Ebert em meados de 1925, segundo Evans (2016), Ludendorff optou por concorrer à presidência, em prol do Partido Nazista, no entanto, não alcançou sucesso ao receber apenas 1,1% de votos. Assim, quem assume é Paul von Hindenburg, com 48,5% de votos.

Para Hitler alcançar o pódio e colocar em prática suas ideias, seria necessário conquistar o apoio de pelo menos mais da metade do povo alemão, ou seja, seria fundamental ter aliados ao seu lado com o intuito de disseminar os mesmos ideais e com as mesmas crenças e convicções. De forma estratégica, aliar-se a Joseph Goebbels impulsionou o Partido Nazista para chegar onde desejavam. Goebbels, nascido em 1897 na cidade de Rheydt, vindo de uma família de classe média, dedicou-se aos estudos de filologia antiga, história e o próprio alemão, além disso, fez doutorado em literatura romântica em 1921, na Universidade de Heidelberg.

Através de contatos com grupos ultranacionalistas, Goebbels aliou-se ao Partido Nazista, em meados dos anos 1924. Sendo um admirador de Ludendorff, passou a se dedicar à oratória, na qual se destacou. Era um intelectual nato, temperamental com um humor sarcástico e agora, um orador que cativava, além de ser rápido em suas respostas, quando contestado. Entusiasmado pela leitura realizada de *Minha Luta*, compartilhava dos mesmos pensamentos apesar de no início não ter concordado com Hitler em alguns aspectos, o que gerou confrontos entre ambos. Entretanto, Hitler fez a proposta de deixar as controvérsias no passado e em troca, Goebbels teria que ser submisso à Hitler, o que de fato, aconteceu.

O partido nos anos 20 foi crescendo de forma gradativa, enquanto que em 1927 ainda era consideravelmente pequeno com seus 75 mil membros, nos anos seguintes o número viria a dobrar, passando a 100 mil membros em 1928 e em 1929, 150 mil adeptos. Hitler e seus aliados, vendo isso, sabiam da necessidade de expandirem e alcançarem ainda mais público, o que faziam com um discurso cativante e manipulador.

Cientes dos descontentamentos do meio rural, fizeram-no deste um alvo a ser conquistado. A região do campo, do meio rural do norte da Alemanha passava por uma crise no final dos anos 20. Com dificuldades de pagarem os financiamentos e com os preços baixando, Hitler e Goebbels de forma estratégica faziam discursos a fim de conquistar mais público apoiador. Assim, “nessa situação, a promessa nazista de uma Alemanha autossuficiente, “autárquica”, com a importação de alimentos estrangeiros mais ou menos proibida, parecia cada vez mais atraente” (EVANS, 2016, p. 267), além disso, em seus discursos também prometiam uma posição especial no Terceiro Reich para a classe rural.

Neste sentido, Hitler almejava ouvir os anseios do povo, de modo que seu discurso atingisse a todos (embora que na prática, sua política era excludente para com judeus e minorias), como meio para atingir seu objetivo, usou muito da propaganda. O partido alcançou jovens ativistas em prol do mesmo, com a fundação em 1922 da Liga Jovem do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães¹⁴, que viria a ganhar mais notoriedade em 1926, quando trocou o nome para Juventude Hitlerista. Nesse sentido, havia também a Liga de Moças Alemãs – semelhante ao Juventude Hitlerista –, todas voltadas para um

¹⁴ Inicialmente com este nome, porém posteriormente recebeu o nome de Juventude Hitlerista. A Juventude praticava atividades voltadas para a propaganda e divulgação do partido para as eleições, sendo que “para doutrinar a Juventude Hitlerista, foi utilizado mais do que simples educação escolar, sendo que todo o contexto e todas as ações realizadas pelos jovens possuíam objetivos de doutrinação ou eram ligados de alguma forma ao Partido e a sua ideologia. Dentro da JH, as crianças possuíam uma rotina de marchas, acampamentos, práticas de esportes, e diversas outras atividades fora da autoridade da escola que eram colocadas como muito mais relevantes do que o estudo. Além das recorrentes palestras e discursos, os membros da Juventude tinham uma programação bastante voltada ao exercício físico e, principalmente, no treinamento militar, que ocorria mesmo aos 14 anos ou até mais jovem” (MONTEIRO, 2013, p. 12).

público jovem. As mulheres, boa parte da sociedade alemã e que ganharam mais voz após a Primeira Guerra Mundial (embora Hitler defendesse que política era palco de homens), receberam uma organização denominada Ordem das Mulheres Alemãs¹⁵, fundada em 1923 por Elsbeth Zander. Ainda, havia vários grupos destinados para fazendeiros, funcionários civis expandidos para os feridos de guerra. Foi criada a União Nacionalista Alemã de Empregados do Comércio¹⁶, ou seja, segundo Evans tudo isso tinha o intuito de formar uma base para a criação de toda uma sociedade comandada por instituições nazificadas, que trabalhassem lado a lado quando o Hitler chegasse ao poder.

Em 1929, o colapso da economia na quebra da Bolsa de Valores, ocorrida em Nova York, que como consequência levou os Estados Unidos a cortarem todos os empréstimos estrangeiros, impactou drasticamente a Alemanha. Esta:

Na tentativa de pagar suas dívidas, as reservas do Reichsbank se esgotaram, assim adotaram um programa de austeridade cortando gastos e programas que ajudavam os mais necessitados (BARCELLOS, 2021, p. 32).

Neste ínterim, a crise que se alastrou nos EUA foi muito visível na Alemanha, com altos índices de desemprego, além da situação caótica, haviam os preços exorbitantes e aumento de violência e suicídios

2.4 Hitler chega ao poder e torna-se *Fuhrer*

Com o contexto da crise e colapso da República de Weimar, Hitler vendo que esse seria o momento de conseguir mais adeptos, aproveitou-se da situação. Assim, “em 1930-32, a Alemanha estava em processo de mudar de uma democracia para algo próximo a uma ditadura presidencial” (GELLATELY, 2010, p. 250), com isso, em 1930, nomeou Goebbels como ministro da

¹⁵ Para mais entendimento: “A Ordem das Mulheres Alemãs era uma daquelas paradoxais organizações femininas que fazia ativa campanha pública pelo afastamento das mulheres da vida pública, militantemente antissocialista, antifeminista e antissemita. Suas atividades práticas incluíam a gestão de um sopão para os camisas-pardas, auxílio nas campanhas de propaganda, esconder armas e equipamentos dos paramilitares nazistas quando eram procurados pela polícia” (EVANS, 2016, p. 271-272).

¹⁶ Fundada no período em que “nazistas ainda apresentavam um apelo especial para a classe média baixa, artesãos, lojistas e autônomos” (EVANS, 2016, p. 274) e ainda “desempenhou papel significativo em politizar muitos rapazes e voltá-los na direção do nazismo” (EVANS, 2016, p. 275).

Propaganda do Reich ao mesmo tempo que vários indivíduos começaram a ver que no dinamismo do nazista poderiam encontrar uma luz no fundo do túnel, ou seja, uma saída para a Grande Depressão. Neste mesmo ano, o chanceler Heinrich Brüning propôs para que Hindenburg dissolvesse o parlamento com o Artigo 48, de forma que se aproximavam as eleições do respectivo ano, o Partido Nazista obteve somente a conquista dos 18% de votos. Neste ínterim, devido Brüning não conseguir a maioria parlamentar na República, esta seguiu – durante dois anos – sendo administrada por decretos presidenciais. Hindenburg, por sua vez, acaba nomeando Franz von Papen e este dissolve o parlamento.

Em 1932, em novas eleições do qual o Partido Nazista obteve um número maior dos votos, mas não o necessário para assumirem ainda, de mesmo modo que Hitler já vinha negociando com Hindenburg, que o mesmo “nasceu” para o cargo de Chanceler da Alemanha, cargo que seria destinado à ele para uma Alemanha próspera, ou seja, Hitler acreditava estar pronto para governar a população alemã.

Hitler, em sua política, manteve um discurso nacionalista, que encontrava-se muito forte na Alemanha, esse nacionalismo germânico que buscava a unificação de todos os indivíduos alemães visando expandir o território, ou seja, expandir a raça pura dita ariana. Com isto, os nazistas acreditavam que o mundo precisava ser dividido em raças, trazendo o apêndice que existem raças que são superiores que outras, para que isso seja possível, seria necessário a eliminação das raças inferiores – que segundo eles, atrasa o progresso e expansão da raça ariana pelo mundo – e do qual, a raça ariana seria a escolhida para dominar o mundo¹⁷. O desejo de expandir provinha do conceito de Lebensraum, a busca desse espaço vital. Esse conceito foi criado no começo do século XX, em 1901, pelo alemão Friedrich Ratzel que afirmava que:

Justificar a necessidade de crescimento de Estado, pois como todo organismo vivo, o Estado necessitava de um espaço e de

¹⁷ Segundo Gilbert (2016), o termo ariano foi criado por Houston Stewart Chamberlain, um racista britânico, afirmava que ariano significava uma certa superioridade sobre raças “semíticas”, porém, inicialmente era linguístico e não racial. Para Hitler, “ariano” era sinônimo de “puro”, da mesma forma que “semítico” era sinônimo de “judeu”.

recursos para crescer e fortalecer sua existência (PESSANHA; MOURÃO, 2014).

Ou seja:

Hitler buscou, desde o início, um objetivo imutável: expandir o território do Estado nacional e ampliar o Lebensraum alemão bem além do “núcleo racial” do povo alemão (BOBBIO; MATTEUCCI; PASQUINO, 1998, p. 808).

Com isto, é possível afirmar que o Partido Nazista bem como seu líder, Hitler, desde o começo de sua política usaram esse argumento de expandir ao leste, onde se encontraria esse “espaço vital” essencial para os alemães vinculados ao pensamento de uma superioridade tanto cultural como racial, visando à criação de um grande império germânico ariano. A teoria ratzeliana afirma que:

Sua principal função foi a de justificar a necessidade de crescimento do Estado, pois como todo organismo vivo, o Estado necessita de um espaço e recursos para crescer e fortalecer sua existência (PESSANHA; MOURÃO, 2014, p. 222).

Porquanto, seria necessário buscar outros ares, espaços e recursos para crescer tendo o leste como visão de progresso.

Em contraste, no ano de 1932, com as eleições que não elegeram o Partido Nazista, foi o momento em que Hitler e Goebbels usaram sofisticados métodos e meios de propaganda, pois a propaganda era o motor principal para conquistar o entusiasmo das massas. Miraram em grupos específicos, como os trabalhadores, indivíduos da classe média e até mulheres. A campanha eleitoral, ainda foi realizada com Hitler voando pela Alemanha, fazendo discursos para multidões com o uso de imagens – pôsteres, revistas, bandeiras com a suástica, slogans nacionalistas, cinema – ou seja, usaram muito do visual em sua propaganda para atrair adeptos.

Portanto, “el 30 de enero de 1933 Hitler asciende al gobierno con su doctrina profundamente racista y antisemita” (NAVARRO, 2011, p. 23), assumiu,

após ser nomeado como chanceler da Alemanha por Hindenburg, que na época era o presidente da Alemanha. Para tanto, é cabível mencionar que foi através de um acordo político feito entre ambos, ou seja, tornou-se chanceler mas não foi por meios democráticos de uma eleição, das quais acabou sendo derrotado.

Ademais, segundo Fausto (1998), é impossível:

Interpretar o fenômeno nazista sem levar em conta a irrupção das massas na arena política, embaladas pelo sonho do "socialismo nacional", da unidade da pátria e, no caso específico do nazismo, da supremacia da raça ariana (p. 141).

Como complemento, o mesmo autor ainda afirma que:

A crença de que a grandeza presente e futura da Alemanha e de toda a "raça ariana" dependia da luta pela "pureza racial"; essa "pureza", concebida em termos biológicos, impunha o afastamento e, no limite, a destruição dos grupos humanos "inferiores" (p. 143).

Neste ínterim, o Partido Nazista chegou ao poder em 1933 e gradativamente foi colocando em prática suas ideologias de forma mais autoritária. Dessa maneira, em relação a isto:

São chamados de autoritários os regimes que privilegiam a autoridade governamental e diminuem de forma mais ou menos radical o consenso, concentrando o poder político nas mãos de uma só pessoa ou de um só órgão e colocando em posição secundárias as instituições representativas (BOBBIO; MAUTTEUCI; PASQUINO, 1998, p. 94).

Inicialmente, iniciou uma censura em forma de propaganda aos "criminosos de novembro" de 1918, os que supostamente deram a punhalada pelas costas. Houve a proibição de bandeiras vermelhas e troca de tiros entre nazistas e comunistas. Além disso, o Partido Nazista também era o único partido legalizado, os demais foram banidos. Com isso, Hitler foi introduzindo na mente de seus adeptos essa noção de superioridade, do qual acreditava ser o indivíduo escolhido para governar a Alemanha em busca de uma raça pura.

Portanto, com a derrota da Primeira Guerra Mundial e suas consequências catastróficas que abalaram as estruturas do povo alemão bem como da posteriormente da Grande Crise, o povo, enquanto desamparado, almejava um líder forte que os tirasse daquela situação. Neste momento, Hitler fez utilização da propaganda sendo constituída como um meio de persuadir massas através de uma vasta gama de meios de comunicação de modo que consiga atrair e influenciar o maior número de pessoas, juntamente de Goebbels.

Concomitantemente, chegar ao poder não foi um processo rápido – se comparado com o fascismo de Mussolini que Hitler tanto idolatrava e admirava – foram necessários anos para que de fato, chegasse ao poder, por meios não democráticos. Ao chegar no poder, iniciava-se o Terceiro Reich.

O Terceiro Reich, assim como o seu legado, é largamente discutido tanto na mídia como nos debates historiográficos. Neste ínterim, no capítulo a seguir, serão analisados alguns conceitos fundamentais para a ideologia nazista, como o darwinismo social, eugenia e como as mesmas impactaram e resultaram em um genocídio de indivíduos considerados “inferiores” e “inaptos” na visão dos nazistas. Além disso, de modo a não deixar de mencionar, será analisada também a máquina de propaganda de Goebbels – fator fundamental para manipular as massas – trazendo também a cinematografia como uma dessas ferramentas de propaganda, o que estará bastante vinculada com o terceiro e último capítulo deste estudo.

3. Discussões acerca dos conceitos de Darwinismo e eugenia e sua influência na Alemanha.

Após a construção do capítulo anterior, que visava explicar o contexto da Alemanha, este capítulo apresenta discussões acerca dos conceitos de darwinismo e eugenia, que foram difundidos na sociedade alemã.

Discussões acerca dos conceitos de darwinismo e eugenia não são recentes, sendo recorrentes principalmente no século XX – embora, já existissem anteriormente –, portanto, neste capítulo serão discutidos estes termos bem como suas definições, com uma ênfase nos indivíduos categorizados como inferiores – segundos os teóricos e médicos da área – que foram muito divulgados em discursos do Partido Nazista, em suas campanhas e ideologias.

3.1 Influência do Darwinismo e eugenia em território alemão

No século XX, estavam amplamente difundidas ideias e debates acerca do darwinismo. Termo cunhado por Thomas Henry Huxley – biólogo inglês, nascido em 1825 –, no entanto, as discussões iniciaram-se em maior proporção após a publicação do livro de Charles Darwin¹⁸, intitulado como *A origem das espécies*, em 1859 – apesar de que os debates aumentaram de forma mais ampla essencialmente em começos do século XX –, especialmente por diversos autores e historiadores. Ademais:

Quando em *The origin of species*, de 1859, Darwin propôs que a seleção natural fosse o processo de sobrevivência a governar a maioria dos seres vivos, importantes pensadores passaram a destilar suas idéias num conceito novo – o darwinismo social. Esse conceito, de que na luta pela sobrevivência muitos seres humanos eram não só menos valiosos, mas destinados a desaparecer, culminou em uma nova ideologia de melhoria da raça humana por meio da ciência (GUERRA, 2006, p. 4).

¹⁸ Para melhor entendimento, o britânico Charles Robert Darwin, foi um importante naturalista e biólogo. Seu livro *A origem das espécies* é uma grande referência para os estudos historiográficos bem como para os biólogos também. Ao lançar *Origin of species*, um dos trabalhos mais famosos do mesmo, “inaugurou um programa aberto a novas contribuições” (MARTINS, 2019, p. 127), assim, o conceito de darwinismo seguia em constantes interpretações e contribuições para a definição do termo.

Ou seja, em *A origem das espécies*, Darwin escreve sobre a seleção natural, indicando que as diferenças individuais são de suma importância, de modo que esta seleção garante a conservação de seres ditos superiores, enquanto determinados grupos eram considerados “inferiores”. Outrossim, segundo Darwin:

A esta preservação das diferenças e variações individuais favoráveis, e a destruição das prejudiciais eu chamei de Seleção Natural ou Sobrevivência do mais apto (DARWIN apud CARMO; MARTINS, 2006, p. 337).

Em relação a isto, ainda trata do conceito de evolução, afirmando que “a evolução não é intrínseca ou automaticamente progressiva. As condições locais em cada estágio essencialmente determinam como uma espécie evolui” (RIDLEY, 2009, p. 34-35), ou seja, levava em consideração vários fatores, do qual ainda consta em seus estudos acerca da hereditariedade, sendo “o mecanismo de transmissão de características entre pais e filhos tinha importância central na teoria de Darwin. Ele considerava que tudo era transmitido hereditariamente” (BIZZO, 1991, p. 20), assim, quaisquer características que um dos pais possuísse, poderia repassar aos seus filhos.

Ao conceito de darwinismo ao longo dos anos foram sendo atribuídos novos significados, devido a ser uma terminologia complexa de cunhar devido a ser um conceito que abrange várias áreas, ou seja, historiadores, biólogos e cientistas sociais irão atribuir significados diferentes. segundo Greene¹⁹ (apud BIZZO, 1991, p.40) existem seis atribuições para o conceito de darwinismo, sendo elas: Teoria da Evolução, Teoria da evolução orgânica através de variação aleatória, Luta pela existência e a seleção natural, Teoria da seleção natural versus teorias rivais, Filosofia da ciência, Darwinismo social e por fim, a Visão de mundo. Portanto, embora não seja o foco desta pesquisa o

¹⁹ John C. Greene, autor que em 1975 publicou um artigo importante para os estudos relacionados ao Darwin, bem como sobre o Darwinismo.

aprofundamento desses conceitos, é de suma relevância perceber a construção teórica e histórica em torno do termo Darwinismo.

Ademais, o “darwinismo alterou as concepções da natureza e do valor da vida humanas, as quais tinham implicações éticas (e políticas e sociais) de longa data” (WEIKART, 2021, p. 35) e o autor acrescenta que:

O darwinismo enfatiza a variação nas espécies, o que implica desigualdade biológica. Aplicando isso a humanos, muitos biólogos, antropólogos e pensadores sociais usaram o darwinismo para justificar a desigualdade social e racial (WEIKART, 2021, p.36).

E ainda, em paralelo a isto, Martins (2019) afirma que:

Darwin não apresentou uma proposta fechada no *Origin of species*, mas inaugurou um programa de pesquisa aberto a novas contribuições. Nem os próprios membros do círculo de Darwin seguiam todos os pressupostos de sua teoria. Eles adotaram alguns dos aspectos da teoria de Darwin, rejeitaram outros e, muitas vezes, acrescentaram novos aspectos (MARTINS, 2019, p. 127).

Ou seja, não há apenas uma definição para este termo, sendo um conceito de possível revisão, porém, as definições atribuídas ao termo possuem certa aproximação. Discussões sobre desigualdade biológica foram fortemente alvo de debates, em função de interpretações que passaram a considerar alguns seres como “inaptos” ou até mesmo inferiores (pontos que serão discutidos neste capítulo também).

Em finais do século XIX e início do século XX, surgiram diversos darwinistas que apontaram novas interpretações ao tema:

Uma variedade de autores, cientistas e outros contribuíram para o surgimento, na década de 1890, de uma nova variante do darwinismo social, inflexível, seletiva, que enfatizava não a evolução pacífica, mas a luta pela sobrevivência” (EVANS, 2016, p.73).

No que tange a isto, Ernst Haeckel foi um renomado darwinista social, o qual adotou a teoria da seleção natural de Darwin, aplicando-a em diversas obras escritas, sendo também responsável por disseminar ideias darwinistas na Alemanha no século XX. O respectivo foi o responsável pela publicação do best-seller *O enigma do Universo*, publicado no ano de 1899²⁰.

Francis Galton (1822-1911), primo de Darwin, em sua obra *Hereditary Genius* (Gênio Hereditário) afirmou que “as características não só físicas mas também mentais, de talento e capacidade são heranças genéticas” (TEIXEIRA; SILVA apud BARCELLOS, 2021, p. 40) e ainda procurou apresentar o conceito de eugenia como:

A ciência que forneceria as bases teóricas para não só compreender os mecanismos da transmissão dos caracteres entre as gerações, como também contribuir positivamente para a melhora das características do conjunto populacional (DEL CONT, 2008, p. 201).

Em outras palavras, o conceito eugenia que vinha do grego *eugenés* segundo Galton poderia ser traduzido para o alemão como “bem-nascido”. Sua hipótese era de que condições externas influenciavam as características humanas, passando de geração em geração. Essa hereditariedade²¹ se aplicava a questões sociais, físicas e até mesmo mentais. Esse conceito surgiu na Inglaterra em um contexto em que, inclusive, ocorreu a primeira Conferência Eugenista Internacional, organizada em partes pelo filho de Darwin, o major Leonard Darwin, no ano de 1912. Deste modo, no contexto alemão, ganhou um amplo apoio, angariando adeptos ao movimento eugênico.

²⁰ Livro de não-ficção bastante conhecido durante a Alemanha guilhermina. Livro “que contém a sua mais ampla discussão da ética” (WEIKART, 2021, p. 46).

²¹ Segundo Del Cont: “A existência de características individualizantes era geralmente explicada pela mistura de elementos, forças vitais ou espirituais, que ambos os pais forneciam aos filhos, a mistura poderia ser forte ou fraca e ainda pendente para um dos lados” (2008, p. 201), assim, mostra a crença da transmissão de características entre as gerações, tanto físicas quanto mentais.

Havia ainda uma dupla eugenia, a positiva e a negativa. A eugenia positiva visava o incentivo ao aumento da reprodução das famílias consideradas “saudáveis” e a eugenia negativa, que ganhou campo na Alemanha, que baseavam-se em medidas para diminuir ou limitar a reprodução de famílias com algum traço considerado – para os nazistas – como indesejado, como a esterilização. Ainda, em relação a eugenia negativa, a mesma:

Visava o segundo aspecto do ideal eugênico, ou seja, diminuir o número dos seres não-eugênicos ou disgênicos e incluía basicamente a limitação ao casamento e procriação daqueles assim considerados. Propunha-se maior controle governamental sobre os casamentos e sobre a reprodução, através da exigência de exames pré-nupciais e de estudos genéticos, sendo a procriação desaconselhada, por exemplo, em caso de avançada idade materna ou de consangüinidade do casal. Defendia-se o aborto eugênico, o controle das fontes de degeneração como o alcoolismo e as doenças venéreas e algumas limitações nas políticas imigratórias do país; discutia-se sobre segregação e esterilização de doentes mentais e outros degenerados (ANGERAMI; MAI, 2006, p. 254).

Ainda, a eugenia esteve presente em outros países, “na Inglaterra, por exemplo, foi aprovada, em 1913, uma lei que permitia a segregação de pessoas com problemas mentais” (TEIXEIRA; SILVA, 2017, p. 69), embora que nos Estados Unidos tenha se feito presente em maior proporção, de modo que um dos principais líderes:

Do movimento eugênico norte-americano foi o geneticista Charles Davenport (1866-1944) que, em 1910, criou o Eugenics Record Office, cujo principal objetivo era o recolhimento de dados sobre aqueles considerados “disgênicos”. Disgênicos eram todos os indivíduos que apresentavam doenças mentais, deficiências físicas, os criminosos, alcoólatras, epiléticos, entre outros. Além do registro dessas pessoas, o Eugenics Record Office atuava, também, na elaboração de políticas para a sua eliminação (TEIXEIRA; SILVA, 2017, p. 70).

Segundo o mesmo autor:

Nos Estados Unidos, por exemplo, o movimento eugênico foi muito proeminente, marcado por leis de segregação racial, esterilização dos doentes mentais e restrições à imigração. O objetivo era “proteger” a população americana (das classes mais

altas e da “raça branca”) da miscigenação com imigrantes não nórdicos que eram vistos como de qualidade inferior. O movimento eugênico norte-americano foi, inclusive, marcado pela institucionalização da eugenia negativa (TEIXEIRA; SILVA, 2017, p. 70).

Ademais, havia um vínculo entre os EUA para com a Alemanha, através de financiadores do movimento eugênico, um dos financiadores foi a Fundação Rockefeller, sendo que “foi a partir do sucesso dos investimentos dessas instituições nos EUA que o movimento eugenista europeu obteve reconhecimento” (GOÉS, 2015, p. 45), ou seja:

A arrancada do movimento coloca Munique e Berlim como os principais centros de estudos e produção de pesquisas eugênicas alemãs. Berlim foi o local da efetivação do Instituto Guilherme para Antropologia, a Genética Humana e a Eugenia, em 1927, agraciado pelos financiamentos da Fundação Rockefeller e a participação de Charles Davenport, na condição de presidente da International Federation of Eugenics Organizations (Ifeo), no evento de inauguração (GOÉS, 2015, p. 51).

Ou seja, tais empreendimentos e financiadores fizeram com que Alemanha colocasse em prática suas leis eugênicas, os custeios iam desde a construção dos prédios para as instituições, como bolsas de estudos também para as pesquisas e investigações.

Por fim, inclusive, se fez presente no Brasil, assim:

O Brasil vivenciou a ênfase nesse discurso eugenista nas décadas de 20, 30 e 40. Um dos principais canais de expressão da eugenia foi a Liga Brasileira de Higiene Mental (LBHM), no Rio de Janeiro, congregando muitos dos geneticistas, psiquiatras, médicos, políticos e intelectuais mais reconhecidos da época. Procurava-se justificar cientificamente a necessidade de medidas eugenistas coletivas em prol da construção de uma nação brasileira forte e saudável (ANGERAMI; MAI, 2006, p. 253).

Com relação a isto, destacou-se Renato Kehl, neste ínterim:

Duas importantes obras publicadas no Brasil por Renato Kehl são: Lições de Eugenia, datada de 1935 e o Boletim de Eugenia.

No primeiro, o doutor Kehl comenta favoravelmente a implantação de leis eugênicas pelo partido nazista na Alemanha; no segundo são discutidos artigos, da autoria de diversos especialistas, sobre cultura, educação, imigração e união matrimonial. Todos tendo como tema central a eugenia (PAWLOWSKI, 2018, p. 16).

Ademais, o surgimento do darwinismo social e da teoria eugênica no começo do século XIX, em territórios da Alemanha, ajudou em grande proporção a difundir organizações com o intuito de aplicar o darwinismo. O antropólogo Ludwig Woltmann, argumentou no começo do século XX que a raça ariana – compreendida como germânica – era superior perante às outras raças e que deste modo, representava o ápice da evolução humana apta a dominar a terra; entretanto, segundo o autor, as diversas outras raças estavam impedindo que isso acontecesse.

Na Alemanha, destacou-se Alfred Ploetz, médico a disseminar da eugenia, que usava o termo Rassenhygiene (higiene racial). Ele publicou um de seus livros em 1895, intitulado como *The Foundations of Racial Hygiene*, no qual o foco norteador do trabalho eram as práticas eugênicas para os alemães, este também compartilhava da crença de que o auge da considerada evolução humana havia sido atingida na Alemanha, pelos alemães. Com esse pensamento:

Ploetz assumiu uma linha impiedosamente meritocrática de planejamento eugênico, argumentando, por exemplo, que uma junta médica deveria assistir a todos os nascimentos e determinar se o bebê estava apto a sobreviver ou deveria morrer por ser fraco ou inadequado (EVANS, 2016, p.76).

Esses argumentos foram muito aceitos no campo da Medicina, bem como na área da saúde como um todo. Ainda, Ploetz defendia uma limpeza racial da raça ariana, ou seja, para dominarem a terra, precisavam ser totalmente arianos, o que não estava ocorrendo por estarem em meio a outras raças, que o antropólogo considera como “inferiores”. Com isto:

O conceito de higiene começou a se disseminar da medicina para outras áreas da vida, inclusive não só “higiene social”, mas também, de modo crucial, “higiene racial” (EVANS, 2016, p. 77).

Em relação ao darwinismo, muitos historiadores buscam problematizar a relação de semelhanças entre Hitler e Darwin, sobretudo, o fato de ambos defenderem termos e conceitos como darwinismo e que algumas raças e indivíduos eram considerados “superiores” a outros. Mas, em relação à ambos, havia aspectos que os distanciaram – Darwin manteve-se longe da política, não adotou o anti-semitismo severo – porém, em paralelo, é possível afirmar que os discursos sociais-darwinistas influenciaram em determinadas proporções, as ideias de Hitler – entretanto, tais nomes distanciam-se em algumas análises acerca do anti-semitismo, no qual Hitler propagou bastante, por exemplo.

Notoriamente, Hitler, ao ser influenciado pelos discursos darwinistas, escreveu acerca do tema em seu livro – escrito enquanto estava preso – que:

De forma alguma endossa a igualdade das raças, antes reconhece, junto com suas diferenças, seu maior ou menor valor, e em função desse conhecimento sente-se obrigada, em conformidade com a vontade eterna que rege o universo, a promover a vitória do melhor, do mais forte, e a exigir a submissão do pior e mais fraco (HITLER apud WEIKART, 2021, p. 21).

Inspirados nos discursos darwinianos, surgiam os movimentos eugenistas, que se auto-declararam uma ciência em prol do aperfeiçoamento da hereditariedade da espécie humana. Neste sentido, a “eugenia foi um movimento que tentou desenvolver uma ética científica ostensivamente baseada na teoria darwiniana” (WEIKART, 2021, p. 34), ou seja, amparados na teoria darwiniana buscavam justificar a limpeza racial através da eugenia.

A essas discussões, foi fundada em 1905, por Ploetz e seu cunhado Ernst Rudin, a Sociedade para a Higiene Racial, que ao expandir tornou-se muito influente na Medicina. Embora a mesma não tivesse atraído as massas, conseguiu prosperar e alcançar os olhares atentos de Hitler, pois “a Sociedade

para a Higiene Racial não apenas sobreviveu, mas prosperou sob o domínio nazista” (WEIKART, 2021, p. 111), sendo seu apogeu durante o regime nazista, sobretudo, pelo fato de possuírem o apoio de Hitler. Ou seja, a mesma foi organizada “para propagar seus pontos de vista” (EVANS, 2016, p. 76), de modo que chegasse a um número maior de pessoas. Ainda, havia a Liga de Defesa e Desafio Racial Alemã, cujo:

Era mais um grupo de extrema direita que usava a suástica como principal símbolo político. Com sede em Hamburgo, a liga alardeava ter uns 200 mil membros por toda a Alemanha, aliciados entre ex-membros do Partido da Pátria, ex-soldados descontentes e estudantes, professores e funcionários de escritório de inclinação socialista. A liga comandava uma sofisticada máquina de propaganda, desovando milhões de folhetos e encenando comícios de massa em que o público somava (EVANS, 2016, p. 225).

No que tange a estas organizações:

Embora muitas não tenham sobrevivido mais do que algumas décadas, a emergência de tantas organizações dedicadas à ética evolucionária e à eugenia por volta de 1900 mostra a popularidade do pensamento ético e social darwinianamente inspirado naquela época (WEIKART, 2021, p. 110).

Enquanto que algumas associações não tiveram tanto apoio e não perduraram por muito tempo, a Sociedade para Higiene Racial, de viés eugenista, perdurou durante vários anos, até o momento de sua extinção, após a Segunda Guerra Mundial. Ademais, o fato de ter permanecido muito influente durante os anos da guerra – 1939-1945 – mostra a força de apoio que recebia.

Em relação a estes discursos, estava também relacionado à questão econômica. Concomitante, a economia possui um peso forte, em um contexto pós Primeira Guerra Mundial, com a Alemanha sendo culpada e tendo que pagar indenizações além dos próprios gastos com a previdência dos alemães, as despesas estavam com índices elevados e “para os eugenistas a forma de controlar e reduzir os gastos seria através de esterilizações e também morte”

(BARCELLOS, 2021, p. 50). Abalados economicamente, psicologicamente e com o prestígio baixo, eram frequentes na Alemanha discursos que enfatizavam uma limpeza racial, de modo que somente assim seria possível a Alemanha alcançar o apogeu das raças e dominar a expansão ao leste europeu, em busca do chamado espaço vital²². Ploetz inclusive era bem próximo com a psiquiatria e partilhava dessa opinião, afirmando que “inaptos” não deveriam mais receber ajudas financeiras e amparo da Alemanha, segundo ele, este era um luxo que a Alemanha não tinha mais condições de manter.

Não obstante, afirmavam com convicção que indivíduos inferiores ou inaptos eram os culpados para tais anseios não serem atingidos, pois essa suposta improdutividade econômica foi usada de forma muito recorrente por adeptos eugênicos para declarar o valor de uma vida humana, ao definirem quais vidas eram “úteis” enquanto sociedade e para o Estado.

3.2 Quem eram os indivíduos “inferiores” segundo os nazistas?

Ainda “durante a República de Weimar, Hitler arquitetou o projeto de conquista do mundo pelos arianos” (CAPELATO, 1995, p. 91), entretanto, esses projetos e planos só seriam colocados em prática a partir de 1933, quando o partido chegou ao poder iniciando o Terceiro Reich. Assim, “chegando ao poder, Hitler proclamou uma luta impiedosa contra os inimigos e inferiores” (CAPELATO, 1995, p. 91), que estariam atrasando o progresso.

Ademais, os anos iniciais do século XX foram palco de debates acerca do valor e da importância da vida humana; tais debates enraizaram-se entre cientistas e principalmente médicos, vindo a florescer com o movimento eugênico. Darwin afirmava que a morte, assim como a destruição, eram meios de um processo de viés evolucionário, ou seja “o sofrimento e a morte não eram

²² Compreendida como *Lebensraum*, “Para Ratzel, o território representa as condições de trabalho e a existência de uma sociedade e a perda de território seria a maior prova de decadência desta. Por outro lado, o progresso implicaria a necessidade de aumentar o território, de conquistar novas áreas. Justificando essas colocações, Ratzel se utiliza do conceito de *Lebensraum* (Espaço Vital), este representaria uma proporção de equilíbrio entre a população de uma dada sociedade e os recursos disponíveis para suprir suas necessidades definindo, assim, suas potencialidades de progredir e suas premissas territoriais” (MELLO; RAGGI; RICK, 2008, p. 158), ou seja, esse conceito foi adotado por Hitler, o qual acreditava que no Leste Europeu encontrava-se esse espaço vital para a expansão da raça ariana.

gratuitos, antes cumpriam um propósito maior – a preservação e o avanço de todos os seres vivos” (WEIKART, 2021, p.116). Assim, é notável a complexidade do uso de sua teoria, que serviu para definir quais vidas eram mais valiosas que outras, difundindo espectros de “inferioridade” e “superioridade”, “apto” e “inapto”. Com isto, na visão de muitos eugenistas e darwinistas, a morte de alguns indivíduos seria benéfica enquanto meio de alcançar o progresso visando uma suposta limpeza racial.

Não obstante, em discussões acerca conceitos como inapto e inferior, é visível uma afirmação de que existe uma desigualdade biológica, assim, para muitos eugenistas e até mesmo cientistas da Alemanha afirmam que “alguns indivíduos eram mais aptos do que outros e, assim, sobreviviam e se reproduziam, enquanto os menos aptos pereciam sem se reproduzir” (WEIKART, 2021, p. 136). Sendo a desigualdade, o ponto crucial no debate darwiniano, para Ernst Haeckel²³, o meio “para determinar o valor da vida era o nível de conquistas culturais, mas acreditava que o desenvolvimento da cultura dependia de traços biológicos, intelectuais e morais inatos”(WEIKART, 2021, p. 165), ademais, nesse contexto, era bastante frequente o uso do conceito “minderwertig” – terminologia alemã que significa “inferior”, “tendo menos valor” – para categorizar determinados seres humanos. Weikart afirma que em:

Um discurso de 1909 para a Sociedade dos Cientistas e Médicos Alemães, o antropólogo e eugenista Felix von Luschan respondeu à questão “Quem é o inferior?” com a seguinte lista: “O doente, o fraco, o burro, o estúpido, o alcoólatra, o vagabundo, o criminoso; todos esses são inferiores se comparados ao saudável, ao forte, ao inteligente, ao esperto, ao sóbrio, ao puro” (2021, p. 143-144).

Para tanto, a construção de instituições psiquiátricas aumentou gradativamente neste contexto ao mesmo tempo em que aumentaram as internações, lançando um certo “medo” entre a população ao interpretarem isto

²³ Para aprofundar acerca Haeckel: foi “o mais famoso darwinista alemão do final do século XIX e do início do XX, entusiasticamente adotou a teoria da seleção natural de Darwin e aplicou em diversos escritos a luta pela existência a pessoas” (WEIKART, 2021, P. 27).

como se supostamente a doença mental haveria avançado e estivesse pairando sobre eles.

Na Alemanha, Karl Vogt²⁴ foi um dos primeiros biólogos a aplicarem a desigualdade darwiniana para pessoas com deficiências, seja física ou mental. Ademais, o “darwinismo difundiu o movimento eugenista, cujo principal objetivo era aumentar a qualidade biológica da população humana pelo controle da reprodução” (WEIKART, 2021, p.194). Acreditando que características seriam hereditárias, buscavam maneiras de diminuir a reprodução dos indivíduos mais “fracos”.

3.3 Leis eugênicas alemãs e programa de eutanásia na Alemanha Nazista

De modo sucinto, as práticas de Hitler, a sua eugenia e política, tinham o intuito de supostamente melhorar positivamente a raça humana, portanto, seu interesse era o progresso da raça ariana, fazendo esse aprimoramento social e para tanto, teria que “eliminar” os indivíduos que o mesmo considerava um fardo, inferiores.

Votada em julho de 1933, passou a entrar em vigor a partir de primeiro de janeiro de 1933 a Lei de Prevenção de Doenças Hereditárias, cujo alvos eram os deficientes físicos e mentais, principalmente. A lei que foi assinada sob o partido nazista no poder, segundo Wegner e Souza (2013), não foi algo que ocorreu no “improviso”, mas foi algo projetado por anos. Tal lei autorizava a esterilização de forma compulsória de indivíduos que possuíam alguma doença hereditária, como a debilidade mental congênita, esquizofrenia, epilepsia, coréia de Huntington, cegueira hereditária, surdez hereditária e ainda deformação corporal. No entanto, em relação a isto houve dúvidas, até mesmo dificuldades de diagnóstico, pois existiam os mais variados casos.

²⁴ Vogt, foi “professor da Universidade de Genebra, foi um dos primeiros biólogos alemães a adotar o darwinismo. Em seu trabalho em dois volumes, *Estudos sobre o homem* (1863), que é considerado um clássico tamanho na antropologia que foi republicado em 2003, afirma que alguns deficientes mentais (ele usa o termo “idiotas”) são mais semelhantes aos símios em suas funções cerebrais e habilidades mentais que aos humanos normais mais baixos. Um “idiota” está biologicamente mais próximo de um símio que de seus próprios pais” (WEIKART, 2021, p. 144).

A mesma era passível de ser solicitada pelo próprio indivíduo ou por denúncias, de modo que toda população alemã estava ciente do dever de notificar as autoridades responsáveis se tivessem o conhecimento de algum caso mencionado na lei. Ademais, a vítima não possuía o direito de escolha, ou seja, estava submetida a uma lei e não havia recursos ou responsáveis para sua proteção.

Ploetz foi um grande apoiador desse controle de reprodução através da lei de esterilização, que na época era ilegal mesmo quando fosse voluntária. Essa prática era muito frequente em instituições psiquiátricas, sendo realizada por médicos ou ginecologistas. Ainda, pouco tempo depois, surgiriam novas restrições com as “Leis de Nuremberg de 1935, oferecendo o arcabouço legal, e uma campanha de “arianização”, levando ao confisco das propriedades dos judeus e sua afastação do serviço público” (ALBERTO; ALVES; NONATO; OLIVEIRA; RODRIGUES; SANTOS, 2016, p. 38), assim:

As Leis de Nuremberg definiam “judeu” qualquer pessoa com três ou quatro avós judeus. Consequentemente, os nazistas classificaram como judeus milhares de pessoas que haviam se convertido a outras religiões e seus descendentes, inclusive freiras e padres católicos romanos e sacerdotes protestantes que tinham avós judeus (ALBERTO; ALVES; NONATO; OLIVEIRA; RODRIGUES; SANTOS, 2016, p. 40).

Ou seja, com tais leis, o Terceiro Reich visava uma “proteção” do sangue ariano, e que posteriormente, entraria em vigor o Programa de eutanásia nazista. Embora esta já vinha sendo discutida antes mesmo da Primeira Guerra Mundial, inicialmente por dois nomes principais – Hans-Walther Schmuhl e Michael Schwartz – entretanto, somente nos anos 1930 isso se aplicaria na prática, com iniciativas do Partido Nazista. A palavra eutanásia, em alemão Euthanasie – vindo a significar em grego “boa morte” –, antes do século XX referia-se como uma maneira de tornar a morte menos dolorosa a um paciente. Entretanto, no século XX “assumiu seu atual significado de intervenção proposital para acelerar a morte de pessoas doentes” (WEIKART, 2021, p.225), muito defendida por Hitler.

Nesse contexto:

O extermínio dos deficientes físicos e mentais na Alemanha foi colocado em prática mediante dois programas: o primeiro envolveu a esterilização compulsória daqueles, e o segundo, a eutanásia (ALBUQUERQUE, 2008, p. 44).

No que se refere à esterilização, não se sabe exatamente a quantidade de vítimas, porém, o que se tem conhecimento é que tais números são exorbitantes, segundo Guerrens (apud Albuquerque, 2008, p. 44), há estimativas que os números estejam em 360 mil seres humanos, dados dos anos de 1934 e 1945 – ano em que se findou a Segunda Guerra Mundial.

Com um caráter compulsório, a medicina buscava justificar a esterilização afirmando que a mesma era benéfica para o aprimoramento das características da população alemã, além de fazerem uso dos discursos econômicos, que tais indivíduos ao passarem suas “anomalias” procriarem mais indivíduos “inaptos” para o Estado. Ademais, a “execução da Lei de Prevenção de Doenças Hereditárias teve sua fase mais importante de 1934 a 1939” (ALBUQUERQUE, 2008, p. 50).

No entanto, anos após tal lei entrar em vigor, seria colocado em prática o Programa de eutanásia nazista, portanto:

Em 1939, programou, com a colaboração de médicos do Partido, o assassinato burocraticamente organizado dos seres considerados inferiores. O programa de eutanásia propunha a “destruição das vidas que não valiam a pena ser vividas”. Valendo-se de números que calculavam o custo para a sociedade da manutenção de velhos, doentes incuráveis, deficientes físicos e mentais, o programa propunha a eliminação desses seres em nome da pureza da raça (CAPELATO, 1995, p. 91).

Emergia assim o Programa de Eutanásia Aktion T4²⁵, tal:

²⁵ Este programa será analisado mais especificamente no capítulo seguinte.

Programa de “eutanásia” dos nazistas consistia em assassinar os deficientes físicos e mentais. Ele é considerado por alguns historiadores como sendo o precursor do Holocausto. Ele teve início em 1939 e implementou o assassinato por gás, injeção letal ou tiro na nuca de doentes mentais (crianças e adultos) em Neustadt, na Prússia Ocidental. Esse assassinato passou a ser paulatinamente de conhecimento público e houve protestos contra ele por parte da população alemã (CAVALCANTE, 2012, p. 10).

As preparações para o respectivo programa iniciaram em 1936 e início de 1937, anos nos quais foi organizado o Comitê para Assuntos de Saúde Hereditária, na Chancelaria do Líder Hitler. Este programa visava uma limpeza de indivíduos considerados seres inferiores e era praticada secretamente, ou seja, as vítimas e as responsáveis destas não estavam a par do programa, que inicialmente era dirigido somente para bebês; no entanto, posteriormente acabou expandindo-se para adultos e idosos. Ademais:

A seleção para o programa era realizada através de um relatório impessoal e mecânico cujas perguntas eram: nome, raça, estado civil, nacionalidade, parente mais próximo, se recebia ou não visitas, quem eram e quem arcava com as responsabilidades financeiras e outras perguntas nesse sentido (AZEVEDO; KOHLER, 2021, p.4).

Ou seja, através deste questionário chegavam a conclusão de quem seria selecionado ao programa. De acordo com Friedlander o “genocídio nazista não era direcionado a grupos nacionais mas a grupos de seres humanos que supostamente compartilhavam características raciais” (FRIEDLANDER apud Barcellos, 2022, p. 59), para isso, com o questionário se tinha o diagnóstico dos que estavam selecionados para o programa, que apesar da eutanásia ser descrita como uma “boa morte” aos pacientes, a que era praticada no programa nazista, de forma alguma tinha esse intuito, mas sim, era uma forma de eliminação mais rápida e “silenciosa”, que supostamente não chegaria ao conhecimento da população. De acordo com os ideólogos do programa:

Uma pequena dose de morfina ou cianeto iria não apenas livrar essa criatura lamentável de si, mas também seus parentes do

fardo de uma longa, inútil e dolorosa existência (HAECKEL apud WEIKART, 2021, p. 220).

Com isto, o programa de eutanásia nazista – assunto que foi embasado como foco norteador no capítulo a seguir - foi praticado de modo a sociedade não saber sobre, entretanto, após vier ao conhecimento da população, algumas instituições ainda seguiram com o programa, mesmo de forma mais restrita.

No entanto, inicialmente, os programas de eutanásia também fizeram experimentos, ou seja:

As pseudo-experiências com cobaias humanas realizadas nos campos de concentração revelam a natureza extremada e desumana a que chegou a “ciência” nazista, assassina, cujo intuito maior não era um desenvolvimento econômico, mas o desenvolvimento do que se chamada de “raça ariana”. O melhor exemplo disso era o projeto Lebensborn (CAVALCANTE, 2012, p. 11)

Ainda, a mesma autora afirma que:

Lebensborn (“Primavera da Vida”) foi um projeto secreto desenvolvido pelos nazistas. Criado por Heinrich Himmler a 12 de dezembro de 1935 com o objetivo de purificar o que considerava “a raça germânica”. Esta sociedade, denominada também de Lebensborn Eingetragener Verein (Sociedade Primavera da Vida Registrada), incentiva jovens mulheres alemãs consideradas “racialmente puras” a dar a luz uma criança, geralmente em segredo, e depois entregá-la à SS, que cuidaria da adoção e educação da criança. As crianças nasciam em casas especialmente mantidas para esse fim, que também funcionavam como ponto de encontro entre mulheres consideradas “racialmente puras” e oficiais da SS. As crianças, no entanto, ao nascer, ficavam a cargo da SS e sem o contato das mães ou pais e o afeto deste (CAVALCANTE, 2012, p. 11).

Ademais, esse programa visou aumentar a taxa de natalidade de crianças consideradas arianas, procurando expandir assim, esse império supostamente puro e superior.

Portanto, como se buscou evidenciar, uma ampla variedade de autores, cientistas e médicos, em finais do século XIX e começo do século XX, foram

favoráveis a uma nova corrente derivada do darwinismo social, de cunho inflexível, que enfatizava a luta pela sobrevivência, argumentando que a raça dita ariana seria superior perante as outras. Sendo importante ressaltar que tais ideologias de viés extremista e radical, que já estavam sendo germinadas com força antes da Primeira Guerra Mundial eclodir. Ademais, seria um equívoco afirmar que os debates acerca do valor da vida humana e dos conceitos derivados da disseminação do darwinismo e eugenia, iniciaram com Hitler, embora este, tenha feito uso de tais discussões e os adaptado para suas políticas, resultando em leis de limpeza racial e posteriormente, no holocausto²⁶.

É amplamente visível a proporção que o Programa Aktion T4, que inspirou os campos de concentração, muito usados na Solução Final do genocídio judeu. Com o darwinismo e eugenia surgiram novas concepções acerca o valor da vida e a morte, que frequentemente levaram darwinistas ávidos da Alemanha desvalorizarem a vida humana ao categorizar alguns indivíduos como “inferiores” e “inaptos”, no entanto, não se pode afirmar que todos os adeptos ao darwinismo eram extremos. Ou seja:

O darwinismo por si só não produziu o Holocausto, mas sem o darwinismo, especialmente em suas permutações sociais-darwinistas e eugenistas, nem Hitler nem seus seguidores nazistas teriam os fundamentos científicos necessários para convencer a si mesmos e os seus colaboradores de que uma das maiores atrocidades do mundo era, na verdade, moralmente louvável. O darwinismo - ou pelo menos algumas interpretações naturalistas do darwinismo triunfou em virar a moralidade pelo avesso (WEIKART, 2021, p. 338).

²⁶ O Partido Nazista, durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), foi responsável por realizar perseguições e após, o genocídio contra judeus, ou seja “Hitler pregava a eugenia ariana. Desse modo, o líder alemão considerava a raça ariana superior a todas as outras e, no caso específico dos judeus, estes deveriam ser eliminados, pois, segundo ele, não passavam de vermes” (PRADO, 2017, p. 70), ademais, “Holocausto na cultura judaica era a queima de algum animal em um altar, com o intuito de oferecer um sacrifício a Deus. Este método foi utilizado para exterminar milhões de judeus, ciganos e outras minorias pelos nazistas durante a Segunda Guerra Mundial” (PRADO, 2017, p. 71), sendo Holocausto “o fenômeno histórico não-linear de destruição sistemática – perseguição, exclusão sócio-econômica, expropriação, trabalho forçado, tortura, guetoização e extermínio - de seis milhões de judeus da Alemanha e da Europa ocupada entre 1933 e 1945 pelo regime nacional-socialista e seus colaboradores. A Shoah tornou-se o símbolo representativo da barbárie do século XX. Esses seis milhões de vítimas representavam 65% da população judaica européia da época e 30% da população judaica no mundo” (CAVALCANTE, 2012, p. 1-2).

Assim, com os aparatos estatais utilizados pelos nazistas, as leis e a própria eutanásia, além de tirarem a dignidade humana das vítimas, estavam em constante distanciamento com os direitos humanos ao violar estes.

4. Programa Aktion T4: O T4 e suas apropriações cinematográficas.

Neste capítulo, de maneira inicial será discutido acerca de obras cinematográficas e em como as mesmas podem retratar contextos históricos como fundo principal da obra, além disso, será discutido como essas obras fílmicas foram utilizadas como um dos mecanismos da máquina de propaganda de Goebbels, para divulgar as ideias nazistas, na Alemanha no século XX. Na segunda parte do capítulo, serão analisados dois filmes recentes que tratam do período nazista.

Os filmes que serão analisados são: *Névoa em Agosto*, produção de 2016 sob direção de Ivo Wessel; e *Nunca deixe de lembrar*, produção de 2018 que teve sob direção de Florian Henckel von Donnersmarck. Inicialmente, serão apresentadas características dos filmes, bem como a sinopse. Por fim, será realizado o trabalho da análise do Programa Aktion T4 recriado nessas obras fílmicas, buscando analisar como tais obras se apropriaram deste passado e como retrataram a implementação do Aktion 4 durante o regime nazista.

4.1 O cinema e seus usos na máquina de propaganda de Goebbels

A propaganda por intermédio dos discursos e das imagens é um mecanismo bastante usado para divulgar ideologias e transmitir mensagens, que pode ser usufruída de diversas formas. Por ser um campo amplo, pode ser aplicado a jornais, revistas, rádios, panfletos, computadores, celulares, outdoors, televisão e também ao próprio cinema. Portanto, é usado de forma majoritariamente o uso de imagens para divulgar uma propaganda ou ideia, usando o visual para atrair a atenção de quem o vê ou recebe a propaganda.

Neste sentido:

A propaganda é um sistema de persuasão que consiste em divulgar a mensagem que se pretende através dos mais variados meios de comunicação de modo a que sejam influenciados o maior número de pessoas, modificando a maneira de pensar o público de forma a ir de encontro dos ideais da pessoa, grupo ou Partido que concebeu a estratégia de propaganda (GOUVEIA, 2022, p. 1).

Ou seja, a propaganda é usável para divulgar ideias e conquistar mentes, sendo um dos fatores fundamentais para Partido Nazista ascender enquanto partido e conquistar uma multidão de adeptos e simpatizantes.

Em 1933, Hitler nomeava Joseph Goebbels como Ministro da Propaganda, entretanto, sua trajetória dentro do partido já havia iniciado anos antes. No início dos anos 20, em meados de 1924, Goebbels foi apresentado ao Partido Nazista, do qual tornou-se membro. Grande admirador de Ludendorff e orador que foi se aprimorando, até se tornar um orador de grande popularidade dentro da Alemanha, apesar de que no início em alguns aspectos não entrava em consenso com Hitler. Goebbels foi um dos grandes responsáveis pela disseminação da propaganda política do Partido Nazista, esta usada com o “propósito da manipulação quanto a intenção de voto individual ou de um grupo de pessoas a nível de grupo” (GOUVEIA, 2022, p. 12), ou seja, com o maquinário de propaganda de Goebbels – um tanto quanto inovador para a época em quesitos de criatividade e inovação – o intuito majoritário era o de atrair e conquistar o alvo, ou seja, o grande público.

Cada manobra era pensada de forma estratégica a fim de promover o partido de forma positiva e o recrutamento de novos adeptos a esse partido. Para tanto, além do uso da oratória com os discursos para grandes multidões, os nazistas apropriaram-se do uso de imagens, ou seja, numa perspectiva visual buscavam atrair simpatizantes. Segundo Gouveia (2022, p. 28):

Adolf Hitler ao entrar no partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães tomou logo o lugar de direção da propaganda e considerava este sector o mais importante de todos os outros na questão organizacional e considera que o essencial era propagar a ideologia a novos seguidores de modo a que estes sejam totalmente convictos a apoiar o partido.

4.2 Propaganda fílmica como arma política nazista

Obras cinematográficas foram amplamente usadas nas disseminações das ideologias nazistas, porquanto faziam uso destas antes de alcançarem poder e durante o regime nazista, o uso aumentou de forma bastante visível. O

cinema foi visto como uma forma de propaganda de cunho político, conforme menciona Medeiros (2003), Hitler desde o começo de sua caminhada na política já tinha conhecimento do cinema para atrair massas e uma forma de comunicação para divulgar suas ideologias.

Neste íterim foi criado em julho de 1933 a Reichsfilmkammer – Câmara do Cinema do Reich – que ficava responsável pelo setor fílmico. Atrelado a isto, ao criarem a Câmara da Cultura do Reich controlaram de forma intensa as produções fílmicas alemãs, com maior notoriedade em 1934, ano que foi implementado a “censura positiva”. Esta, segundo Pais (WELCH apud PAIS, 2012, p. 76), declarava que todas as produções passariam por uma avaliação e aprovação de Goebbels para assim serem exibidas ao público. Além disso, a censura do partido nazista tinha o direito de proibir a exibição de algum filme e por fim, seria necessário enviar um rascunho do roteiro antes, para ver se o governo aprovava ou não.

Através das obras cinematográficas procuravam manipular as mentes que assistiam, além de vangloriarem seus feitos, através da comoção ou seja, a “propaganda Nazista explorava o emocional da massa, retomando sentimentos de ódio e vingança já presentes na sociedade alemã desde o fim da Primeira Guerra” (BRUSTULIN, 2020, p. 24). É perceptível o quanto utilizavam as imagens para entranhar no interior dos sentimentos do público, segundo Pereira (2003):

Durante os 12 anos de regime nazista, estima-se que foram produzidos mais de 1.350 longas-metragens, que buscaram de várias formas enaltecer o nazismo, estimulando a grande maioria da população alemã a participar da experiência nazista, além de colocar a Alemanha em segundo lugar na produção cinematográfica mundial, atrás apenas dos Estados Unidos da América. No entanto, é importante destacar que, submetida às leis de mercado e seguindo a orientação de Goebbels (valorização da produção de filmes de propaganda indireta), a maior parte da produção cinematográfica nazista foi dedicada ao “entretenimento”, sendo filmes aparentemente escapistas, mesmo quando diluíam em seus enredos alguma conotação político-ideológica (p. 111).

Ademais, embora alguns filmes servissem para lazer, como plano de fundo a maioria tinha alguma relação com o partido nazista e seus projetos para a Alemanha. Neste contexto, com as supervisões de Joseph Goebbels em relação aos filmes, seria de suma importância:

Que as ideias apresentadas nas produções fossem de acordo com os problemas que a sociedade enfrentava na época. Joseph Goebbels era defensor de que o cinema era o meio de comunicação com maior capacidade de persuasão, e intervinha frequentemente na produção de obras cinematográficas que eram financiadas pelo Ministério da Propaganda, para garantir que todos os itens considerados imprescindíveis estivessem presentes, e nas quantidades consideradas ideais por ele (BRUSTULIN, 2020, p. 38).

Em 1942, assumiram completamente o controle das empresas cinematográficas, com isso, os filmes usados pela máquina de Goebbels buscavam mostrar uma noção de bem e mal, visando mostrar o mal relacionado aos comunistas, judeus e outras minorias, acionando na mentalidade do público um despertar de qual lado, supostamente, deveriam escolher. Ao mesmo tempo, apresentavam contrastes com o suposto lado “mal” da história, indicando como estes prejudicavam a raça ariana de prosperar e atrasavam essa superioridade da raça alemã. Ou seja, segundo Domenach (1963) tal propaganda usava meios para mergulhar nas zonas obscuras do inconsciente do povo enquanto coletivo, ao gabarem-se da pureza sanguínea ao mesmo tempo em que glorificavam atos de violência e destruição. Por conseguinte, apropriaram-se também de discursos nacionalistas dentro das obras, como forma de seduzir e garantir uma eficácia na manipulação. Documentários “tinham uma enorme importância para a propaganda, onde uma mensagem poderia ser passada facilmente dando oportunidade de moldar a opinião pública” (GOUVEIA, 2022, p. 4), sendo um campo explorado pela propaganda nazista, no entanto, haviam ainda filmes de entretenimento.

Ademais, foi lançado em 1941, o filme *Ich Klage an*, que tinha o tema principal a questão da eutanásia nazista, assim:

En Alemania, además de las películas que demonizaban a los judíos, Joseph Goebbels encargó, en el año 1941, que se rodara la película “Yo acuso” (Ich klage an), dirigida por Wolfgang Liebeneiner, pura propaganda a favor de la eutanasia. El argumento de dicho film se puede resumir así: la hermosa y joven esposa de un famoso profesor de medicina enferma de esclerosis múltiple, una terrible enfermedad degenerativa, y pide a su marido y a un amigo de éste que la liberen de sus dolores. En la segunda parte, el marido es acusado de haber asesinado a su mujer y es sometido a juicio, pero, al escuchar sus argumentos y sus razones, todos los miembros del jurado van cambiando de opinión, sobre todo cuando el acusado realiza este alegato: “Yo acuso ahora, me alzo contra un artículo que impide que los médicos y jueces sirvan al pueblo. Yo redimí a mi mujer, enferma incurable, de sus dolencias” (FERRÁNDIZ, 2011, P. 11-12).

Entretanto, em uma baliza temporal anterior da ascensão do nazismo, já eram divulgados filmes auxiliares nas campanhas eleitorais como *O Congresso do NSDAP em Nuremberg*, *A Juventude Hitlerista nas Montanhas*, *Desperta, Alemanha*, entre tantas outras produções. Outra produção bastante reconhecida já sob regime nazista é *O Triunfo da Vontade*, filme de 1935, que retrata o Congresso do Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães que ocorreu um ano antes. Desde seu começo já é perceptível a figura idolatrada criada de Hitler neste filme, pois o filme se constituía em uma “sucessão de imagens e discursos que visam a engrandecer a Alemanha e seu então líder, Adolf Hitler” (COUTO; FARCHE, 2017, p. 355), que visava mostrar a figura do líder em contato amigável com o povo, uma figura que se fortalecia; motivo de gerar sentimento de orgulho entre o grande público que assistia a obra. Tal obra tinha um caráter forte a transmitir propaganda do partido, de maneira que foi:

Planejado para se tornar o auto-retrato definitivo do regime nazista e de seu líder, *O Triunfo da Vontade* foi uma das poucas intervenções diretas de Hitler na área; O Führer escolheu novamente a cineasta Leni Riefenstahl para realizar a filmagem e solicitou-lhe algo ‘artístico’ para documentar o Congresso do Partido Nazista em Nuremberg. Esse documentário, mítico e mistificador, foi em grande parte encenado, pois as cenas de espetáculos de massa ocorreram de forma previamente organizada para a realização da imagem cinematográfica (PEREIRA apud COUTO; FARCHE, 2017, p. 355).

Neste sentido, o filme produzido pela cineasta alemã Leni Riefenstahl, da qual já havia realizado outras filmagens para o Partido Nazista, foi uma obra com as imagens em maior destaque, além dos discursos, tendo grande destaque no sentido de propaganda devido a mostrar um líder que escutava os anseios de seu povo, ademais:

Por meio de filmes como esse, o regime construía sua versão: uma nação recuperada da humilhação que sofrera na Primeira Guerra Mundial, com um governo forte que buscava reunir o povo em prol do objetivo comum de fortalecer a pátria (COUTO; FARCHE, 2017, p. 356).

Entretanto, embora que no filme não fique tão explícito o ódio contra minorias, é cabível mencionar que ao referirem-se em reunir o povo, aplicava-se somente aos alemães, à raça ariana. Por fim, em tal obra, em que Leni destacou-se por suas imagens e filmagens, mostra:

O retrato do povo alemão em sintonia com seu líder. Uma mensagem, para a “raça pura” alemã, de que o país tinha se reerguido e era motivo de orgulho. E, para os potenciais inimigos, de que ali estava um adversário forte, e que se fortalecia a cada dia (COUTO; FARCHE, 2017, p. 357).

Tal filme, foi um instrumento de propaganda na época, neste íterim, “o cinema não se torna apenas um centro de disseminação cultural e identitário, mas também uma ferramenta de estratégia política que visa representar o grupo social” (FRIGERI, 2018, p. 26), sendo um dos meios mais utilizados pelos nazistas, “pois, este canal reunia diversos elementos que mexiam com os sentidos do público, como narrativa, imagem, fotografia e som” (BRUSTULIN, 2020, p. 38). Essas narrativas mostram a grande relação de Hitler com o povo, caracterizado o mesmo como um líder carismático e próximo aos alemães.

4.3 Obras cinematográficas e suas recriações acerca do passado histórico

Obras fílmicas acabam por ser fontes para estudos e pesquisas na área de História, uma vez que as mesmas fazem recriações do passado histórico. Conforme Rosenstone apud Quinsani (2009):

O cerne do questionamento deve partir de como o meio audiovisual pode nos fazer refletir sobre nossa relação com o passado, sendo pensado como uma nova forma de reconstrução histórica capaz de alterar nossa concepção e nosso conceito de história (p. 197).

Assim, o autor traz a reflexão de que os cineastas possuem o mesmo privilégio e autorização dos historiadores acerca da mediação sobre o passado, ou seja, o cinema acaba sendo um instrumento de recriação de um passado histórico. O que convém aqui não é analisar se este passado recriado no cinema é fidedigno ao passado, mas como este é retratado em obras cinematográficas. Segundo Barros (2011):

O cinema – incluindo todo o imenso conjunto das obras cinematográficas já produzidas e também as práticas e discursos que sobre elas se estabelecem – pode ser considerado hoje uma fonte primordial e inesgotável para o trabalho historiográfico (p. 178).

Ainda, o autor ainda acrescenta que em relação a isto:

Uma metodologia adequada à análise fílmica necessita ser complexa. Deve tanto examinar o discurso falado e a estruturação que se manifesta externamente sob a forma de roteiro e enredo, como analisar os outros tipos de discursos que integram a linguagem cinematográfica: a visualidade, a música, o cenário, a iluminação, a cultura material implícita, a ação cênica – sem contar as mensagens subliminares que podem estar escondidas em cada um destes níveis e tipos discursivos, para além do subliminar que frequentemente se esconde na própria mensagem falada e passível de ser traduzida em componentes escritos (BARROS, 2011, p. 193).

Com isto, o filme sendo um produto final da arte dita cinematográfica é também de fácil difusão entre as massas, entretanto, ao fazer uma análise de uma obra:

Não se pode ser inocente e tentar apreender sentidos de uma produção cinematográfica apenas na história por ele narrada, mas estar atento aos diversos fatores que influenciam na sua construção. Escolha dos cenários e ambientes, efeitos de cena, enquadramentos, sons e cores, organização das sequências, destaque dado a determinadas ações, omissões, distorções, esquemas narrativos, tudo isso precisa ser minimamente captado para que o trabalho seja bem planejado (SOUZA, 2014, p. 98).

Não obstante, o cinema através de sua função narrativa direcionando-se ao grande público, consegue apropriar-se de um contexto histórico do passado, ademais, filmes de cunho histórico são bastante disseminados, de modo que há muitos títulos de produções deste gênero, sendo recebidos muitas vezes de forma positiva pelo público, e em suma, o contexto da Alemanha da primeira metade do século XX acaba despertando um grande interesse, conforme Souza (2014):

É possível inferir que há um processo no qual o nazismo desperta interesse no grande público, por isso as obras cinematográficas que tratam do assunto quase sempre são bem sucedidas. Muitas obras têm interesses diretos numa rememoração específica dos fatos, especialmente por parte de grupos judaicos, no caso do Holocausto. Assim o público é educado por essas obras, desenvolvendo um interesse cada vez maior pelo assunto, aumentando o potencial de rentabilidade das produções relacionadas ao tema (p. 167).

O cinema, ao apropriar-se do passado histórico, acaba serem bons aliados e propícios para auxiliarem em uma melhor compreensão do passado – ao tratarem de produções de cunho histórico – entretanto, é de suma relevância fazer uma análise de forma mais criteriosa, com um olhar atento, procurando compreender em como essa história retratada pelos filmes dialoga com a realidade histórica, levando em consideração que para que se faça um filme

deste viés, os produtores e cineastas precisaram antes, ir ao conhecimento e estudo do contexto. Assim, o enfoque deste capítulo será o de analisar, com bastante ênfase, como o Programa Aktion T4 é retratado nos filmes escolhidos, não cabendo a uma discussão do que de fato ocorreu ou não no passado, mas sim, como este programa é apresentado nestas obras.

É demasiado grande a quantidade de filmes que foram surgindo, entretanto, para esta respectiva pesquisa foram escolhidos dois filmes: *Névoa em Agosto* (2016) e *Nunca deixe de lembrar* (2018), que são filmes mais recentes e que não foram objeto de muitas análises no campo da História.

4.4 O Programa Aktion T4

O Terceiro Reich colocou em prática um de seus programas, segundo Oliveira (2015) que visava abreviar a vida humana, entretanto, o que concretizou-se em meados de 1939, já estava sendo debatido desde 1931 entre o partido nazista juntamente com os médicos. Em suma:

Em 22 de setembro de 1939, na Polônia ocupada, uma unidade da SS de um grupo paramilitar formado pela SS e pela polícia, fundado em Danzig por Kurt Eimann, um líder local da SS, com um efetivo de quinhentos a seiscentos homens, embarcou um grupo de doentes mentais do asilo de Conradstein (Kochborowo) em um caminhão de carga e levou-os para um bosque nas redondezas, um campo de chacina onde muitos milhares de poloneses já haviam sido fuzilados pelos alemães (EVANS, 2016, p. 102).

Neste sentido, as vítimas - sendo doentes mentais, segundo o respectivo autor - ficaram em uma vala por ali mesmo, cobertos por uma camada fina de terra. Para tanto, surgiria a eutanásia nazista, sendo que eutanásia “tem sua origem etimológica nos vocábulos gregos *eu* (boa), *thanatos* (morte), podendo ser traduzida como boa morte, morte sem sofrimento” (CORREIO; GREGOLIN, 2016, p. 106), porém, a eutanásia praticada pelos nazistas não tinha o mesmo intuito, segundo os mesmos autores acaba remetendo a uma ideia equivocada, pois “contempla nenhum objetivo humanitário, mas simplesmente o desejo de

matar” (CORREIO; GREGOLIN, 2016, p. 108). Diante disso, neste mesmo contexto:

Foi achado uma petição a Hitler escrita pelo pai de um bebê nascido em fevereiro de 1939 sem uma perna e sem a parte de um braço e sofrendo convulsões. O pai queria que a criança fosse morta, mas o médico do hospital de Leipzig recusou-se a fazer isso porque o deixaria sujeito a processo por homicídio. A Chancelaria do Líder, o secretariado pessoal de Hitler, passou-lhe um dossiê do caso, e Hitler mandou Brandt ir a Leipzig e matar ele mesmo a criança após confirmar o diagnóstico e conversar com os colegas médicos de lá. Pouco depois, Brandt relatou a Hitler que fizera os médicos locais matar a criança em 25 de julho de 1939 (EVANS, 2016, p. 105-106).

Assim:

Inicia el programa secreto denominado T4 (ya que fue planeado en Tiergartenstrasse 4, Berlín) inaugurando 20 salas pediátricas para la matanza ordenadas por el decreto de la muerte misericordiosa. Este programa fue pensado para los adultos pero los niños fueron incluidos también. Mientras que el programa de esterilización se llevaba a cabo abierta y legalmente, el programa de la eutanasia era totalmente secreto. Los pasos que conducían a un paciente a la cámara de gas se iniciaban cuando el médico del instituto donde estaba alojado completaba el formulario de registro, el cual era enviado a la oficina de eutanasia T 4 de Berlín. Es significativo que los líderes nazis consideraban que el pueblo alemán aceptaría mejor el exterminio de los enfermos que el exterminio por razones políticas se utilizaba entonces la enfermedad como excusa para exterminar a los adversarios políticos (NAVARRO, 2009, p. 26).

De modo que:

Sus principales ejecutores fueron el doctor Karl Brandt, un arribista muy ambicioso, condenado a muerte en el Juicio de Nuremberg, uno de los médicos personales de Hitler que, en 1942, fue nombrado comisario del Reich para la salud, Philip Bouhler, jefe de la Cancillería del Reich y Herbert Linden, especialista en enfermos mentales del Ministerio del Interior, que se suicidó en 1945 (FERRÁNDIZ, 2013, p. 4).

Ou seja, o programa de eutanásia nazista iniciava-se no ano de 1939, sob o nome de Programa Aktion T4 (Tiergartenstrasse 4), recebendo esse nome devido a localidade em que iniciou tal projeto, foi algo secreto longe dos olhares da sociedade. Momento em que, Hitler “dicta un decreto que otorga autoridad a los médicos para dar una muerte misericordiosa a los enfermos clasificados como incurables (NAVARRO, 2009, p. 25). Na Alemanha, primeiramente, seus alvos seriam somente bebês e crianças, no entanto, expandiu-se para adultos e idosos também. Outrossim, a classe médica esteve envolvida nesse programa, nas instituições psiquiátricas eram responsáveis também por separar as crianças e adultos que seriam vítimas do T4 dos demais. Neste sentido:

As instituições públicas, principalmente hospícios e hospitais, desempenhavam um papel preponderante no programa. Os médicos e enfermeiras eram obrigados a informar às autoridades sobre todos os pacientes com doenças há mais de cinco anos e incapazes de trabalhar nesse período. Os estudantes de medicina foram treinados para analisar e indicar os bebês e as crianças para o programa T4 (OLIVEIRA, 2015, p. 32).

Neste ínterim, vários foram os envolvidos para que o projeto estivesse em execução, até mesmo incentivaram futuros médicos para seguirem com o programa. O oficial da chancelaria Viktor Brack, participou ativamente do programa enquanto que administrava o mesmo, além de organizações de fachada, segundo Evans (2016), para conseguir administrar os nomes do programa, funcionários e os registros. Junto a ele, Werner Heyde que comandava no âmbito médico e juntos a estes e Brandt, havia Albert Widmann, que elaborou um meio rápido para o programa, pois:

Calculou que seria preciso uma câmara hermética e mandou fazer uma na velha prisão municipal de Brandemburgo [...]. Os operários da SS construíram uma cela de três metros por cinco metros, com três metros de altura, revestida de azulejos para dar a impressão de um chuveiro, de modo que atenuasse as apreensões de quem fosse levado para lá. Um cano de gás foi ajustado ao longo da parede com orifícios para permitir a entrada do monóxido de carbono na câmara (EVANS, 2016, p. 113).

Assim, não havia somente uma forma para tirarem as vidas das vítimas selecionadas através de um questionário, entretanto, o projeto de Widmann foi o mais eficiente. Acerca os questionários, cada instituição estava a par com formulários, com dados pessoais e características dos pacientes, neste, as vítimas eram marcadas com um “+”, ou seja, “os formulários eram avaliados por especialistas médicos subalternos politicamente confiáveis, aprovados pelos escritórios locais do Partido Nazista” (EVANS, 2016, p. 114), de modo que, poucos médicos não aceitam tais cargos e responsabilidades.

O programa era aplicado aos indivíduos que tinham supostamente uma “vida que não vale a pena ser vivida (*lebensunwertes Leben*)” (OLIVEIRA, 2015, p. 34-35), ou seja, esse conceito fazia referência a todos seres humanos que não estavam aptos a seguirem vivendo, que supostamente atrasariam o progresso e que eram ou seriam uma suposta farda para o Estado, assim “empezó a designar a los enfermos mentales crónicos surgió primero en el campo de la psiquiatria y después se la apropiaron los nazis” (MARCOS, 2005, p. 3). Neste sentido:

Para los formularios de registro de pacientes, la cuestión de la aptitud para el trabajo ocupaba un lugar importante, debía completarse en todos los internos que padeciesen algunas de las siguientes enfermedades: Esquizofrenia, Epilepsia, Enfermedades seniles, Parálisis refractaria a la terapia u otras afecciones sifilíticas, Debilidad mental, Encefalitis, Enfermedad de Huntington u otras enfermedades neurológicas graves, quienes llevasen más de cinco años internados en forma permanente, el motivo de internación fuese enfermedad mental con trasgresión de la ley, no fueran de sangre alemana o sangre afín o fueran extranjeros (NAVARRO, 2009, p. 25-26).

Ou seja, havia uma ampla lista de indivíduos que encaixavam-se na lista dos “indignos” e inferiores, na concepção dos adeptos ao nazismo, sendo cabível tanto para crianças como para adultos. Portanto, “la primera tarea a la que tuvo enfrentarse la Aktion T4 fue su selección” (MARCOS, 2005, p. 5), sendo enviado um protocolo para as diversas instituições psiquiátricas da região, exigindo os dados de todos os pacientes internados para passarem por uma

avaliação se seriam casos do programa ou não, enquanto que soldados nazistas também eram encarregados a fazerem visitas a estas instituições para averiguar seus pacientes. É cabível ainda mencionar que devido ao fato de ser praticado de forma secreta, os pacientes não possuíam conhecimento disto, ou seja, nem sequer tinham o livre arbítrio de escolher sobre seu destino, de modo que eram submetidos à severas restrições alimentares, uso de substâncias químicas e tóxicas através de via oral e injeção, e ainda em outros casos, submetidas à câmaras de gás, o que posteriormente serviu de inspiração para os Campos de concentração. O Programa “Contaba con seis centros para llevar a cabo la eliminación” (FERRÁNDIZ, 2013, p. 3) destes indivíduos. A modo que, ao chegar ao conhecimento devido denúncias e suspeitos, ocorreu uma forte oposição da Igreja Católica contrária ao programa. Segundo Pohl apud Cavalcante (2012), os seis centros eram: Brandenburg/Havel, que esteve com o programa desde 1940 até outubro do mesmo ano, com cerca de 9 722 vítimas; Grafeneck com 9 839 durante os meses de janeiro a dezembro de 1940; Sonnenstein, com 13 720 vítimas do T4 e outras 1000 por serem prisioneiros do campo de concentração; Hadamar, com um número de 10 072 vítimas para o T4; Bernburg, ativo desde 1940 até agosto do mesmo ano, com 8 601 vítimas; Hartheim, desde 1940 com aproximadamente 18 269 assassinatos para o Programa T4.

Deste modo:

A maioria dos centros de chacina executava a tarefa matando as crianças de fome ou administrando superdoses do sedativo Luminal na comida. Em poucos dias, as crianças desenvolviam problemas respiratórios e por fim sucumbiam à bronquite ou à pneumonia. Às vezes os médicos deixavam essas doenças sem tratamento, às vezes liquidaram as crianças com injeções letais de morfina (EVANS, 2016, p. 108).

Com isto, em tais instituições que ao praticarem a eutanásia, alegavam para suas famílias e responsáveis outro motivo para o óbito de seus pacientes, sendo que, a estes, eram entregues, dias depois uma urna contendo as cinzas de seu familiar, mesmo que na maioria das vezes nem condizia com o mesmo, pois não era tido esse cuidado sistemático.

4.5 Análise do Programa T4 em *Névoa em Agosto*

Névoa em Agosto – *Nebel im August* – é uma obra cinematográfica de produção alemã; suas filmagens remetem ao ano de 2015, todavia, o filme foi lançado em meados do ano de 2016. Sob direção de Kai Wessel e roteiro escrito por Holger Karsten Schmidt e Robert Domes, o filme, que pode ser categorizado no gênero de drama, guerra e história, ao longo de seus 121 minutos, mostra uma das violações cometidas pelos nazistas contra a vida humana. No filme encontra-se o contexto da Alemanha nos anos 30 e 40 do século anterior, no qual o protagonista do filme, o yeniche Ernst Lossa (Ivo Pietzcker), de treze anos, é internado no hospital psiquiátrico e acaba descobrindo que a instituição está incluída no programa de eutanásia nazista. A adaptação – que possui como elenco principal Ivo Pietzcker, Sebastian Koch e David Bennent – é uma adaptação da obra literária de Robert Domes, o qual é inspirada na história real de Ernst Lossa e foi recebida de forma positiva entre o público. Sua avaliação no IMDb é de 7,3 de 10.



Figura 1: Capa do filme *Nebel im August*.

Fonte: [https://media.fstatic.com/HJ0zDoukytTxDDUbe1sharlBM9o=/322x478/smart/filters:format\(webp\)/media/movies/covers/2016/08/nebel-im-august-2016-poster.jpg](https://media.fstatic.com/HJ0zDoukytTxDDUbe1sharlBM9o=/322x478/smart/filters:format(webp)/media/movies/covers/2016/08/nebel-im-august-2016-poster.jpg) Acesso em: 24 abril 2023.

O filme inicia com um questionário sendo respondido por Ernst Lossa em uma instituição psiquiátrica, perguntas como idade e nome completo são feitas e respondidas pelo paciente. Em sua ficha – de outra instituição – consta como sendo uma “verdadeira peste”, ladrão e mentiroso, acusações das quais Lossa nega. Lossa, ao ver a instituição provoca uma certa resistência afirmando estar no lugar errado e que não ficará por muito tempo, pois “não é um idiota” – segundo ele, na obra cinematográfica – entretanto, com o desenrolar da trama acaba seguindo na Instituição.

A obra possui um excelente enredo, com cenas coloridas e trilhas sonoras que condizem com as cenas, além do vestuário, que harmoniza com a época retratada. Destacam-se também com as posições e funções de cada personagem, digna de uma produção que reteve certo cuidado com estes aspectos, para que quem assistisse tivesse determinada aproximação com esse passado histórico perpassado na obra fílmica.

No filme, já nos primeiros minutos, é feita referência ao Programa Aktion T4, em uma cena protagonizada pelo doutor e diretor da instituição e um de seus enfermeiros, em uma fala que o enfermeiro indaga perguntando se realmente é verdade ou é um equívoco que em Berlim havia pessoas recebendo 20 centavos a cada nome dado a ser colocado na lista; o doutor somente responde que a pessoa recebe trinta. Ou seja, havia pessoas ganhando dinheiro para quem deletasse pessoas que poderiam fazer parte do Programa, com tais pagamentos, o governo nazista de certo modo “incentiva” pessoas a falarem supostos nomes para o programa, e ainda, “médicos e parteiras recebiam dois reichsmarks por caso informado a seus superiores” (EVANS, 2016, p. 108), ou seja, enquanto que haviam vítimas do programa, haviam pessoas “lucrando” às custas destas.

Em determinada parte da narrativa, seu pai tenta buscá-lo e levá-lo embora, porém não recebe autorização e sua tentativa é falha. Por conseguinte, Lossa segue na instituição trabalhando nas colheitas devido a sua aptidão ao

serviço. O Programa Aktion T4, que era para ser praticado de forma secreta, não manteve-se assim por muito tempo, chegando ao conhecimento da sociedade devido à fortes suspeitas e até mesmo cheiros dos corpos queimados e movimentações “estranhas”. Na narrativa fílmica, o diretor da instituição avisa seus enfermeiros que por motivos de descoberta, o T4 irá seguir na instituição, porém será encerrada em instituições mais centrais, afirmando que terá que seguir de forma eficiente e mais secreta ainda. Assim:

La disolución de la Aktion T4 no supuso, sin embargo, el fin de la matanza de los enfermos incurables. Inmediatamente después empezó una fase que los historiadores denominan como *wilde Euthanasie* o eutanasia salvaje (MARCOS, 2005, p. 7).

Ou seja, após tal percepção por parte da sociedade, a Instituição ao seguir com o programa, recebe o auxílio de uma enfermeira – vindo a trabalhar nessa instituição com o foco em “libertar” os pacientes de suas dores –, Lossa ao ver a enfermeira a recebe com saudações de “Heil Hitler”. Tal sendo, consistia em “uma importante expressão simbólica” (EVANS, 2016, p. 271), de maneira a ser uma saudação alemã feita “com o braço direito estendido, estivesse Hitler presente ou não” (EVANS, 2016, p. 271).

A enfermeira, propõe a adoção de suco de framboesa para eliminar os escolhidos da lista, afirmando que assim, passaria impercebível entre os pacientes e “atrativo” para as crianças por não perceberem o sabor do “remédio” responsável por sua morte. Outrossim:

Mientras que antes existía un organismo central que controlaba el exterminio utilizando el monóxido de carbono para provocar una “muerte dulce”, ahora cualquier médico en cualquier hospital podía dar una sobredosis de barbitúricos a cualquier enfermo y provocarle la muerte. El método más habitual utilizado en esta fase fu *ela privación de alimentos* (MARCOS, 2005, p. 7).

Nesta fase, Ernst, já ciente da situação começa a ajudar alguns pacientes (escondendo uma menina que seria alvo do programa; ajudando a dar o suposto “suco”, no entanto, fingindo deixar o mesmo cair de forma que derrame todo o líquido e o paciente não tome o líquido que contém substâncias tóxicas), além de auxiliar o zelador na limpeza das salas onde é realizado o diagnóstico e retirada de alguns órgãos para investigação e exames, do qual, acaba achando estranho e suspeito pois vê o sangue nas mesas e nos instrumentos de cortes, como facas. Em relação às mortes dos pacientes, no prontuário de óbito em sua maioria são colocados os mesmos diagnósticos – pneumonia – de modo que os familiares não descubram o programa ao receberem as alegações do óbito que não condizem com o verdadeiro motivo.

Neste sentido:

En algunos pacientes, que presentaban alguna patologia de interés para la investigación, antes de quemar los cadáveres se les extraía el cerebro y se enviaba al Kaiser-Wilhelm-Institut (KWI) für Hirnforschung de Berlin o al KWI de Psiquiatria de Munich (MARCOS, 2005, p. 6).

Episódio que é presenciado na narrativa de forma bastante evidente, ao mostrar as cenas em salas de operações sujas de sangue e utensílios usados para a remoção de órgãos.

Ademais, o diretor em uma de suas falas afirma que a eutanásia nazista seria responsável por eliminarem a dor das pessoas, como a dessas crianças, tirando-os desse fardo e proporcionando uma libertação por não prolongarem o sofrimento, de modo que livram a sociedade alemã de tais doenças hereditárias. Nesta cena, é dito por um dos atuentes do programa:

No futuro serão, pelo menos, um terço dos nossos cidadãos nacionais, seres inferiores, aleijados, débeis mentais, loucos, alcóolatrás, psicopatas, enfim, todos os elementos doentes que custam muito mais à nação do que trazem para ela (01:20min).

Seguindo o enredo, em uma reunião realizada por membros do Programa, o diretor mostra a sua “sopa de legumes”, que oferece aos seus pacientes, tal sopa, é uma estratégia pois a mesma não contém nenhum valor nutricional. Essa sopa, acaba por ser uma maneira barata e um método para resolver os problemas, segundo o diretor, pois os pacientes, ao consumirem a sopa sem valor nutricional, perdem peso e ficam desnutridos, ou seja, como mencionado na obra, vão morrendo enquanto consomem a sopa. Tal dieta é propícia para a redução dos custos.

Aproximando-se do fim da trama, Ernst confronta o Dr. Walter Veithausen (Sebastian Koch) – diretor da instituição – chamando-o de assassino por matar os doentes. Consequência desse confronto, Lossa é selecionado como próxima vítima do programa, para vingar-se e também por certo receio de Ernst não manter silêncio acerca de suas descobertas. A data de sua morte foi 09 de agosto de 1944, e após a sua morte, a instituição ainda seguiu com o programa por mais 56 dias.

Nessa cena é perceptível o motivo do título ser Névoa em Agosto e sua relação com a narrativa. Segundo o filme, o diretor da instituição responsável pelo Programa Aktion T4 foi condenado a 3 anos de prisão, um dos enfermeiros a um ano de prisão em regime aberto e a outra enfermeira, encarregada do programa, condenada a três anos de prisão e após cumprido a pena, voltou a exercer sua profissão como enfermeira pediátrica.

Portanto, entre os anos 1939 e 1945, a estimativa é de que – segundo o filme, pois há certas controvérsias nos números precisos – 250 mil indivíduos foram assassinados por inalação a gás ou graves restrições alimentares, como retratado no filme. Além disto, poucos foram os que eram alvos do programa de eutanásia nazista e que conseguiram sobreviver, ademais:

El programa de eutanasia fue previo y sirvió como entrenamiento para el posterior exterminio de los judíos, para llevar adelante el siguiente paso se trasladan las cámaras de gas a Polonia (NAVARRO, 2009, p. 27).

Relacionado a isto, é possível compreender a magnitude que este programa alcançou e as proporções atingidas. Com o filme, ao dialogar com a historiografia e trabalhos de historiadores é possível gerar essa aproximação com o passado histórico. Essa obra é escopo de inúmeras críticas, em suma maioria sendo positivas, das quais os comentários em sites de Internet com o foco em cinema, referem-se ao filme como sendo forte e bem produzido, por mostrar um contexto histórico que às vezes não é tão divulgado no contemporâneo para o grande público, além disso, há também quem critique o filme, devido a ser uma obra extensa, categorizando o filme como “chato”, porém, a maioria dos comentários acerca das impressões deste filme são positivos.

4.6 Análise do Programa T4 em *Nunca deixe de Lembrar*

Nunca deixe de lembrar (Never Look Away), foi lançado sob direção de Florian Henckel von Donnersmarck, que inspirou-se na vida de um pintor alemão chamado Gerhard Richter para criar a narrativa possui como elenco principal Tom Schieling, Sebastian Koch, Paula Beer e Saskia Rosendahl. Neste sentido, o drama de cunho histórico que possui duração de 188 minutos, retrata a Alemanha, ao perpassar as décadas dos anos 1930 até meados de 1960, expondo várias ideologias que marcaram o século XX. Iniciando-se em meados de 1930, ao mostrar Kurt Barnert ainda criança, ficando notório a grande aproximação com sua tia Elisabeth. Pós Segunda Guerra Mundial, inicia um romance e posteriormente irá descobrir segredos obscuros de seu sogro. O casal tenta recomeçar sua vida na Alemanha Ocidental enquanto lida com traumas do passado, e assim, os anos e todo o contexto do filme estão conectados e cheios de revelações relacionados ao nazismo, bem como ao Programa T4. Ademais, ainda é relevante mencionar que o esse filme recebeu reconhecimento internacional, sendo indicado a premiação, recebendo Oscar na categoria de melhor fotografia e melhor filme estrangeiro no Globo de Ouro em 2019, além disso, no Festival Internacional de Cinema realizado em Veneza no ano de 2018, foi premiado com troféus Arca CinemaGiovani e Leãozinho de Ouro.



Figura 2: Capa do filme Nunca Deixe de Lembrar.

Disponível em: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-243642/> Acesso em: 24 abril 2023.

A obra é demasiadamente densa, abrangendo vários contextos históricos de uma maneira envolvente e sensível, além de falar sobre a arte e como a mesma é usada para demonstrar expressões e sentimentos. Consegue misturar arte, política e romance. Não será cabível para esta análise compreender toda a narrativa do filme detalhando-a aqui, mas sim, o contexto do Programa de eutanásia nazista recriado na obra fílmica.

O filme inicia no ano de 1937 – em Dresden – com Kurt (protagonizado por Tom Schieling) enquanto criança com sua tia. Nestas cenas, é nítido ver um apego sentimental entre ambos, assistindo a uma exposição de arte sendo mostrada por um guia nazista, declarando tal arte degenerada e que é necessário voltar à arte alemã. Assim, em tais cenas, ao mostrar Kurt com sua

família, mostrando cenas com poucas falas, deixando evidente o campo visual presente no filme, cabendo ao telespectador uma interpretação crítica.

Sua tia Elisabeth (protagonizado por Saskia Rosendahl) – que possui uma grande conexão com a música – nos primeiros minutos do filme é levada a uma instituição - contra a sua própria vontade -, sendo buscada em sua residência. Ou seja, ocorria também o processo de seleção fora das Instituições, com isso “os pais eram informados que a crianças seriam bem cuidadas, ou mesmo que a remoção para uma clínica especializada oferecia uma esperança de cura, pelo menos de melhora na condição” (EVANS, 2016, p. 108).

Nesta, ao ser levada até a Instituição, é diagnosticada com esquizofrenia, ou como mencionado na obra: “alucinação jovem” “esquizofrenia moderada”. O doutor Carl Seeband – Sebastian Koch –, médico a cargo do regime autoritário nazista, afirma que tal doença é hereditária, momento em que questiona sua mãe e irmã se há outros casos como esses na família, e ambas negam. Ou seja, nesta cena, já é nítida a expressão do médico ao indagar acerca de outras pessoas que supostamente – por ser hereditária – outros membros teriam mesmos casos, e que, seriam alvos do programa.

Elisabeth, que fora levada a uma instituição após demonstrar resistência enquanto dizia “Nunca Deixe de Lembrar” a seu sobrinho, contrasta com o contexto narrado, mostrando o começo dos anos 1940. Neste ano, ocorreu uma reunião com participantes nazistas envolvidos no Programa, que elogiam os feitos da Instituição ao mostrarem seus resultados, alegando ainda que as futuras gerações ficarão orgulhosas de seus feitos para uma nação mais pura e sem doenças hereditárias. Elisabeth conhece o médico Carl Seeband (Sebastian Koch) e implora por piedade, porém o mesmo não corresponde a seus pedidos. Na instituição, junto a outras mulheres, é despida e morta em uma câmara, de forma bastante cruel, ademais, pessoas submetidas a tal:

Eram levados a uma câmara de gás disfarçada de chuveiro. Pacientes ainda nervosos com a situação recebiam injeções de tranquilizantes. Quando estavam dentro da câmara, as portas eram trancadas, e os funcionários liberavam o gás. A morte dos pacientes era qualquer coisa, menos pacífica ou humana (EVANS, 2016, p. 117).

Tal citação acaba por ser retratada no filme, dialogando com a história. Ainda, diferente da primeira obra analisada, este apesar de deixar evidente os projetos nazistas em relação às doenças, não foca tanto nestes, mas o que é nítido é que o filme possui como pano de fundo o Programa Aktion T4, mesmo que não seja o único objetivo do filme – recriar esse passado – é visto o quão cruel e indiferente era com essas pessoas, pois “el programa Aktion T4 fue el resultado de un proyecto de carácter fundamentalmente criminal, cuyos impulsores conocían la ilegalidad de sus actividades” (PÉREZ, 2013/2014, p. 31) e relacionado à cena descrita:

Os pacientes eram mortos em grupos de 15 a 20, embora em certas ocasiões muitos mais fossem socados nas Câmaras apinhadas. Depois de cerca de 5 minutos perdiam a consciência; passados 20 minutos estavam mortos. A equipe aguardava por uma hora ou duas, em seguida arejava a câmara com ventiladores. Um médico entrava para conferir a morte; depois dele serventes, geralmente conhecidos como foguistas (Brenner), separavam os corpos e os arrastavam para a sala de morte. Lá, corpos selecionados eram dissecados, ou por médicos subalternos que precisavam de treinamento em patologia, ou por outros que tinham ordens de retirar vários órgãos e enviá-los para estudo em institutos de pesquisa (EVANS, 2016, p. 117).

Tal cena dialoga visivelmente com o primeiro filme analisado de modo que possuem cenas e contextos iguais. Porém, não é o intuito fazer uma comparação entre ambas obras, somente fazer uma síntese de como estão dialogando sobre o Programa Aktion T4. Entretanto, a segunda obra apesar de ser extensa, não foca com tanta ênfase no programa de eutanásia nazista como a primeira obra fílmica, não sendo possível fazer uma análise tão detalhada e minuciosa pois são mostradas cenas breves no filme acerca do tema. Mas apesar disto, foi perceptível a maneira em como os pacientes eram tratados, como sendo “inferiores”, sendo tratados com uma certa “frieza” por parte dos colaboradores do programa, principalmente pelo Dr. Seeband. Ademais, os adeptos e participantes desse programa, ao longo do filme demonstraram bastante entusiasmo com suas realizações, ao acreditarem estarem fazendo ações em

prol do povo alemão, enfatizando um suposto sentimento de orgulho por suas realizações.

Terminado a Segunda Guerra Mundial e com Kurt já na idade adulta, busca estudar arte, para dedicar-se a ser pintor. Em seus estudos, acaba conhecendo Elizabeth Seeband (Paula Beer), uma jovem pelo qual se apaixona, porém a chama somente de “Ellie”, pois o nome o fez lembrar de sua tia da qual não obteve mais notícias. Ambos constroem um romance, do qual Ellie acaba engravidando, no entanto, seu pai – Dr. Seeband – ao olhar para o protagonista de forma atenta, acaba reconhecendo uma provável característica de doença genética, que depois o relaciona com a sua tia (vítima do T4). Com isso, o leva a realizar um aborto em sua própria filha, para que a mesma não de a luz a uma criança “inferior”, segundo Seeband, deixando visível a sua crença no programa. Anos após, longe do Dr. Seeband, constroem uma família, ao terem um filho. O que Kurt descobriu muitos anos após é que seu sogro – pai de Ellie – foi um dos médicos ginecologistas responsável pelos projetos de esterilização e eutanásia nazista, responsável pela morte de sua tia. Ou seja, sem Kurt saber, durante todos esses anos teve uma certa ligação com seu sogro, devido ao fato de no passado ter sido participante do programa de eutanásia nazista, do qual buscou manter esse passado em segredo.

Com técnicas de pintura de fotografias e uso de luz e sobreposição, faz uma pintura de si criança perto de sua tia fazendo uma sobreposição com o médico, o qual para ele faz sentido tal pintura, mostrando uma maneira de se libertar do passado obscuro que estava dominando ele mesmo que estivesse para além da compreensão dele. Com essa obra, que perpassa as décadas, e mostra o contexto da Alemanha dividida, busca mostrar para Kurt olhar e aprender a ver essa realidade de fato que não desvie o olhar, para que compreenda seu passado e presente. A narrativa é muito bem construída, a trama possui a paleta de cores predominantemente em tons de cinza, azul e branco, com protagonistas fortes deixando visível todo o processo criativo de Kurt em sua busca a viver trabalhando com arte, encontrando-se no final do filme, fazendo a relação da arte com a fotografia. A trilha sonora condiz com a

narrativa e suas vestimentas elaboradas de forma a fazerem uma viagem no tempo e adentrarem nesse passado histórico. A obra fílmica recebeu na Internet várias resenhas, sendo feitas de forma crítica e detalhadas acerca do filme.

Por fim, o cinema que desempenhou um amplo papel na difusão das ideias nazistas através de servir como um instrumento em prol da propaganda, hoje, acaba por ser um alvo para tais produções de cunho histórico e que fazem alusão a este período da história, de modo que toda produção cinematográfica serve como fonte para estudo de um historiador.

Diante disto, o Partido Nazista – idealizadores do Aktion T4 – acaba por ser um tema um tanto complexo e específico, além de gerar grande impacto no contexto mundial e de ampla repercussão dentro da cinematografia, tal fator diz respeito também ao Holocausto, onde o nazismo atingiu dimensões jamais vistas antes. Por fim, ambas obras de cunho histórico tratam do mesmo contexto, sendo abordados o T4, mostrando semelhanças e aproximações entre ambos, principalmente no que se diz respeito a seleção das vítimas para o programa e de como encaminharam o após a essa escolha. Em ambas obras, os colaboradores nazistas demonstraram estarem cientes e de acordo com o programa, não demonstrando sentimentos de piedade ou remorsos para com os pacientes.

5. Considerações finais

No tempo presente, há uma ampla gama de trabalhos que fazem alusão à história e ao cinema, devido a serem temas de bastante interesse de um amplo público, bem como de acadêmicos.

A indústria cinematográfica cresceu consideravelmente nos séculos XX e principalmente, no século XXI. Neste ínterim, filmes com temáticas relacionados aos diferentes contextos históricos são amplamente disseminados, devido a uma adesão grande por parte do público, ou seja, da boa recepção que tais produções recebem. Neste viés, produções que remetem ao século anterior que possuem como pano de fundo o contexto histórico da Segunda Guerra Mundial

bem como da Alemanha sob regime nazista como forma de governo, são assuntos que receberam muitas apropriações cinematográficas.

Diante disso, este respectivo trabalho visou a análise do Programa Aktion T4, buscando investigar como este foi recriado em duas obras cinematográficas do século XXI. Os filmes são produções recentes, portanto, ainda não receberam uma análise crítica neste sentido; tais obras foram escolhidas pois fazem uma releitura do passado com o foco no contexto selecionado para esta pesquisa.

Para a execução da pesquisa é imprescindível estabelecer meios para tornar possível chegar a um resultado satisfatório e promissor, buscando atingir os objetivos. Seria inatingível em uma pesquisa deste cunho analisar um índice elevado de obras cinematográficas, assim, foram escolhidas duas que abarcam este contexto e período. Para tanto, filmes com temáticas que remetem ao Holocausto, à Segunda Guerra Mundial e até mesmo produções mais voltadas às batalhas e soldados são muito frequentes na indústria cinematográfica hollywoodiana, entretanto, não é tão comum tais produções realizadas sob direção alemã e produzidos na Alemanha. Os filmes escolhidos para analisar o Programa Aktion T4 são produções alemãs, embora sob direção diferente. Ainda, é importante acrescentar que um dos atores protagonizou ambos filmes, fazendo papéis semelhantes.

O filme intitulado *Névoa em Agosto* (Nebel im August), dirigido por Kai Wessel, uma produção alemã de 2016, que possui como enredo o contexto alemão dos anos 30 e 40 do século XX, do qual o foco norteador é o programa de eutanásia nazista. Seu protagonista Ernst Lossa (Ivo Pietzcker) possui papel fundamental nessa obra, pois ao ser enviado até uma clínica psiquiátrica passa a estar presente em vários setores da clínica – seja nas limpezas, junto a outros pacientes, na colheita – ou seja, um paciente quase onipresente, pois é visível sua participação em vários setores da instituição, estando próximo inclusive, da equipe médica. Enquanto paciente, adquire conhecimento das ações acerca do Aktion T4 e até tenta ajudar outros pacientes que estavam escolhidos para o programa, e no fim do enredo, devido a um embate resultado de um confronto

entre Lossa e o Dr. Werner (Sebastian Koch) acaba sendo alvo do programa de eutanásia nazista.

Neste filme, que busca relatar a experiência da eutanásia nazista, sendo uma produção com bastantes detalhes tanto nas encenações como nas falas de seus atores, de modo que o respectivo filme apropriou-se do passado para tanto. Essas aproximações com o passado, estão presentes em várias cenas. Logo, no início do enredo, uma cena entre Lossa e Dr. Werner, cujo médico está fazendo uma espécie de perguntas sob formato de questionário para o paciente, Lossa. Esse questionário, era uma forma de avaliarem os pacientes e também, uma forma de selecionarem quem estaria apto ao programa de eutanásia nazista. Tal cena busca a releitura do passado, ao fazer essa menção aos questionários. Além disso, as sopas sem valores nutricionais remetem aos alimentos que eram dados aos pacientes e por fim, também há a alusão aos remédios “disfarçados” que eram dados aos pacientes, no caso do filme é dado suco – que ao colocar substâncias tóxicas não são perceptíveis o sabor, pois o sabor do suco se sobrepõe – ou seja, tal obra fílmica aproxima-se com o passado histórico e dialoga com este, enquanto uma releitura desse passado.

Ademais, o roteiro apesar de ter recebido certa romantização enquanto nas cenas mostra Lossa em uma relação próxima a uma outra paciente, com quem construiu um laço de amizade, mostra que em tempos obscuros, há uma inocência e poder da amizade, fator que contribuiu de forma positiva para o roteiro. Em suma, o Programa Aktion T4, foi recriado neste filme de forma bastante nítida, seja nas ações dos responsáveis pela saúde – médico e enfermeiros – bem como em suas falas, que fazem menção ao programa, além de mostrarem que era um programa que deveria estar distante dos olhares da sociedade, o que dialoga com os escritos acerca do contexto. Ademais, tanto o cenário como as vestimentas e a forma cronológica em que se sucede a narrativa, aproximam-se do passado histórico, de fato a fazerem uma viagem no tempo no sentido de caracterização.

O segundo filme analisado, *Nunca Deixe de Lembrar* (Never Look Away), também produzido na Alemanha sob direção de Florian Henckel von

Donnersmarck, foi uma produção do ano de 2018. Neste enredo, há um foco centralizado em Kurt Barnert, personagem que conhecemos ainda criança e vemos o processo de crescer e tornar-se adulto no contexto do pós-guerra, do qual possui uma vocação para a pintura, fazendo uso de seus sentimentos para encontrar beleza a transmitir em suas obras.

Tal filme, embora não tenha somente o foco norteador no programa de eutanásia nazista como o filme anterior, mostra também indícios do mesmo, principalmente quando a tia de Kurt foi enviada para uma instituição devido a alegações de que a mesma possuía deficiências mentais e sendo lá, assassinada pelo médico que, futuramente viria a ser o sogro de Kurt. Nessas cenas, com a centralização de sua tia na instituição, mostram também a importância dos questionários – mostrando também no primeiro filme – e de como os pacientes não estavam cientes de tais crueldades que os aguardavam. Ao suspeitar, a moça pede piedade alegando que poderia ser a filha do médico em tal situação, entretanto, a tentativa foi falha.

Essa obra, mostra o quão cruel os nazistas poderiam ser em relação à pessoas com alguma deficiência seja física ou mental, mostrando que com estes indivíduos, não havia piedade, o que é visível também já no começo da narrativa, na cena em que Kurt e sua tia estão em uma exposição de arte, dos quais os nazistas chamavam de Arte Degenerada, fazendo alusão que tais obras foram produzidas por pessoas com alguma deficiência.

Embora a produção não tenha somente o foco no Programa Aktion T4, é interessante ver que o filme faz uma espécie de viagem no tempo, pois de forma cronológica mostra vários elementos e acontecimentos ocorridos após a Segunda Guerra Mundial, além disso, possui uma fotografia magnífica com um jogo de palhetas que enriquece a obra fílmica, com cores (predominância do azul, cinza e branco) que dialogam com as cenas e os cenários, além das vestimentas que estão de acordo com o que está passando no filme.

Por fim, com a análise através desses filmes é possível perceber o quanto a história pode dialogar com obras fílmicas, enquanto obras que, muitas vezes, possuem estudo e embasamento historiográfico, ou seja, tais obras dialogam

com o passado e com a produção de historiadores sobre o tema. Outrossim, essas obras de cunho cinematográfico que tematizam o nazismo e os feitos do mesmo, podem ser usadas para manter vivo esse tempo e memória do século anterior, seja para buscar maior conhecimento deste, indo contra os negacionistas acerca desse passado histórico. Tais filmes vislumbram o quanto o programa de eutanásia nazista agiu contra a ética e direitos humanos, violando totalmente os direitos individuais de cada um – do mesmo modo em que pacientes e responsáveis destes não tinham o direito de escolherem acerca do destino e do futuro.

Outro fator importante de ressaltar é a importância de tais assuntos serem discutidos enquanto não tão conhecidos entre a sociedade – diferentemente do Holocausto judeu, por exemplo – pois esse passado e as atrocidades cometidas por este programa, são verídicos.

6. Referências

NÉVOA em agosto. Direção de Kai Wessel. Alemanha: Collina Film; Dor Film; Studiocanal; ARRI Media Productions; Ernest Eberlein Filmproduktion; ZDF; Österreichischer Rundfunk; BA Produktion, 2016. 1 DVD (121 min.).

NUNCA deixe de lembrar. Direção de Florian Henckel von Donnersmarck, Alemanha: Sony Pictures Movies & Shows, 2018. 1 DVD (188 min.).

ALBERTO, Michelly Nunes Moraes; ALVES, Thaís Pereira; NONATO, Joyce Victória Matos Oliveira; OLIVEIRA, Jaqueline Divina; RODRIGUES, Wellington, César; SANTOS, Fernando Hilário dos. Terceiro Reich Propulsor dos Direitos Humanos. **Revista Científica FacMais**, Goiás, v. 6, n. 2, p. 36-46, 2016. Disponível em: ><https://revistacientifica.facmais.com.br/wp-content/uploads/2016/07/Artigo-4-TERCEIRO-REICH-PROPULSOR-DOS-DIREITOS-HUMANOS.pdf>< Acesso em: 13 maio 2023

ALBUQUERQUE, Roberto Chacon de. A Lei de prevenção de doenças hereditárias e o programa de eutanásia durante a segunda guerra mundial. **Revista CEJ**, Brasília, v.12, n.40, p. 43-51, 2008. Disponível em: ><https://revistacej.cjf.jus.br/cej/index.php/revcej/article/view/961>< Acesso em: 04 outubro 2022.

ALVAREZ, D. Benedicto Cuervo. El ascenso de Hitler y del partido Nazi al poder en Alemania. **Historia Digital**, [S. l.], v. 15, p. 56-120, 2015. Disponível em: ><https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5152855>< Acesso em: 31 março 2023.

ANGERAMI, Emília Luigia Saporiti; MAI, Denise. Eugenia negativa e positiva: Significados e contradições. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 251-258, 2006. Disponível em: ><https://www.scielo.br/j/rlae/a/q5QybhyZjmM3GyF4zVvx8t/abstract/?lang=pt>< Acesso em: 14 maio 2023.

APRILE, César Alexandre da Silva. Sobre a lei racial nos Estados Unidos de Krieger. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação- REASE**, São Paulo, v. 8, n. 11, p. 180-190, 2022. Disponível em: ><https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/7666>< Acesso em: 13 maio 2023.

ARENDT, Hannah. **Origens do Totalitarismo**: Antissemitismo, imperialismo, totalitarismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

AZEVEDO, Aleksandro Peixoto de; KOEHLER, Carlos Benevenuto Guisard. Eugenia na Alemanha nazista: o racismo como política de estado. **Revista Scientiarum Historia**, v. 1, p. 8-16, 2021. Disponível em: >https://doi.org/10.51919/revista_sh.v1i0.281< Acesso em: 04 setembro 2022.

BARCELLOS, Gabriela Madi Medeiros. **A eliminação dos indignos de viver: A eugenia do século XX e o programa de eutanásia nazista**. 2021. 75f. Monografia (Bacharel em Relações Internacionais) – Curso de Relações Internacionais, Centro Universitário Curitiba. Disponível em:><https://repositorio.animaeducacao.com.br/bitstream/ANIMA/21169/3/TCC>

%20Gabriela%20Madi%20Medeiros%20Barcellos.pdf< Acesso em: 04 setembro 2022.

BARROS, José D'Assunção. Cinema e história – Considerações sobre usos historiográficos das fontes fílmicas. **Comunicação & Sociedade**, v.32, n. 55, p. 175-202, 2011. Disponível em:

><https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/view/2324>< Acesso em: 06 novembro 2022.

BIZZO, Nelio Marco Vincenzo. **Ensino de Evolução e História do Darwinismo**. 1991. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 1991. Disponível em:

><https://teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48133/tde-16082013-145625/es.php>< Acesso em: 25 março 2023.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de política**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

BRUSTULIN, Heloísa. **A propaganda nazista no cinema**: A reconstrução da obra cinematográfica “Triunfo da vontade” a partir dos princípios teóricos de propaganda do movimento. 2022. 142f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Publicidade e Propaganda) - Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul. 2022. Disponível em: ><https://repositorio.ucs.br/11338/11805>< Acesso em: 09 abril 2023.

BUENO, Elen de Paula; OLIVEIRA, Victor Arruda Pereira de. O congresso de 1815 e suas contribuições para o direito internacional público. **Anuário Hispano-luso-americano de derecho internacional**, Espanha, v. 24, p. 359-379, 2019/2020. Disponível em:

<https://ihladi.net/wp-content/uploads/2020/01/19.-Articulo-O-Congresso-de-Viena-de-1815-e-suas-contribucoes-para-o-direito-internacional-publico-Elen-de-Paula-Bueno-y-Victor-Arruda-Pereira-de-Oliveira.pdf> Acesso em: 28 abril 2023.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. O nazismo e a produção da guerra. **Revista USP**, São Paulo, v. 26, p. 82-93, 1995. Disponível em:

><https://www.revistas.usp.br/revusp/article/download/28150/29961>< Acesso em: 27 março 2023. Acesso em: 14 abril 2023.

CASTRO, Teresa; MEDEIROS, Margarida. O que é cultura visual?. **Revista de Comunicação e Linguagens**, [S. l.], n. 47, p. 1-7, 2017. Disponível em:

>https://run.unl.pt/bitstream/10362/68956/1/75_189_1_SM.pdf< Acesso em: 07 abril 2023.

CARMO, Viviane Arruda do; MARTINS, Lilian Al-Chueyr Pereira. Charles Darwin, Alfred Russel Wallace e a seleção natural: um estudo comparativo.

Filosofia e História da Biologia, [S. l.], v. 1, p. 335-350, 2006. Disponível em: ><http://www.abfhib.org/FHB/FHB-01/FHB-v01-20.html>< Acesso em: 30 março 2023.

CAVALCANTE, Ania. **O universo concentracionário nazista de 1933 a 1945 e a implementação da “Solução Final da Questão Judaica”, 1941-1945**. In: Andrea Borelli; Rodrigo Medina Zagni. (Org.). Conflitos armados, massacres e genocídios. São Paulo, p. 76-96, 2012. Disponível em:

<https://www.yumpu.com/pt/document/view/38853125/o-universo-concentraciona-rio-nazista-de-1933-a-diversitas-usp/5> Acesso em: 27 abril 2023.

CHAPOUTOT, Johann. **A Revolução Cultural Nazista**. Rio de Janeiro: Da Vinci Livros, 2022.

COGGIOLA, Osvaldo. **Alemanha 1918-1925: Hiperinflação e Inflação**. São Paulo: LCTE, 2010. Disponível em:

https://www.researchgate.net/profile/Osvaldo-Coggiola/publication/287205631_Alemanha_1918-1924_Hiperinflacao_e_Revolucao/links/56731b3a08aee7a4274370e1/Alemanha-1918-1924-Hiperinflacao-e-Revolucao.pdf

COSTA, Luiz Cláudio da. Linguagem e imagem: a arquitetura da dominação nazista. **Aletria: Revista de Estudos de Literatura**, v. 30, n.2, p. 79-100, 2020. Disponível em:

><https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/22049>< Acesso em: 06 novembro 2022.

CORREIO, Mateus Salvadori; GREGOLIN, Gustavo. Principialismo e Dworkin: Algumas considerações acerca da eutanásia. **Aufkarung**, [S. l.], v. 3, n. 1, p.

105-134, 2016. Disponível em:

><https://www.redalyc.org/pdf/4715/471555231005.pdf>< Acesso em: 11 abril 2023.

COUTO, Maria Laura Tolentino Marques Gontijo; FARCHE, Bruna Kriek. O cinema a serviço da cultura política nazista. **Revice – Revista de Ciências do Estado**, Belo Horizonte, v. 2, n. 2, p. 346-364, 2017. Disponível em:

><https://periodicos.ufmg.br/index.php/revice/article/download/5058/3124/15806>< Acesso em: 05 abril 2023.

DARWIN, Charles. **A Origem das Espécies**. São Paulo: Ebook, 2003

D'ARCANGELIS, Andrew. **The Yeniche and Racial Hygiene in the Third Reich: A Nem Perspective in the Gypsy Research**. Hamburg: Ebook, 2012.

Disponível em:

>https://www.researchgate.net/profile/Andrew-Darcangelis/publication/315825371_The_Yeniche_and_Racial_Hygiene_in_the_Third_Reich/links/58e8fc2b0f7e9b978f811b3d/The-Yeniche-and-Racial-Hygiene-in-the-Third-Reich.pdf<

Acesso em: 11 abril 2023.

DEL CONT, Valdeir. Francis Galton: eugenia e hereditariedade. **Scientiae Studia**, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 201-218, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ss/a/nCZxGgFHN8MVtq8C9kVCPwb/?format=pdf> Acesso em: 28 MARÇO 2023.

DOMENACH, Jean-Marie. **A propaganda política**. São Paulo: Ebook, 1963.

EVANS, Richard J. **A chegada do Terceiro Reich**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2016.

_____. **O terceiro Reich em Guerra**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2016.

ESTEVES, Hermínio; GOMES, Nancy. O Congresso de Viena. **Observare**, Lisboa, v. 2, n. 5, p. 1-6, 2008. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11144/1200> Acesso em: 28 abril 2023.

FAUSTO, Boris. A interpretação do nazismo, na visão de Norbert Elias. **Mana**, São Paulo, v. 4, n.1, p. 141-152, 1998. Disponível em:
><https://www.scielo.br/j/mana/a/NJky3cJjbdQRhsJwsh3CHjw/abstract/?lang=pt>
< Acesso em: 27 março 2023.

FEIGELSON, Kristian; FRESSATO, Soleni Biscouto; NÓVOA, Jorge (org.).

Cinematógrafo: Um olhar sobre a história. São Paulo: Ed. da UNESP, 2009.

Disponível em:

><https://repositorio.ufba.br/bitstream/ufba/164/4/Cinematografo.pdf>< Acesso em: 03 abril 2023.

FERRÁNDIZ, Teresa María Mayor. El cine nazi: judíos versus arios, estereótipos y películas. **Revista de Claseshistoria**, Espanha, n. 256, p. 1-20, 2011. Disponível em: ><https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/5169523.pdf>< Acesso em: 14 maio 2023.

FERRÁNDIZ, Teresa Mayor. El programa nazi "T-4". **Revista de Claseshistoria**, [S. l.], n. 367, p. 1-13, 2013. Disponível em:

><https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/5173436.pdf>< Acesso em: 10 abril 2023

FRIGERI, Renata Aparecida. **O nazismo vai ao cinema**: Construção identitária na obra de Leni Riefenstahl. 2018. 292f. Tese (Doutorado em comunicação) – Faculdade de arquitetura, artes e comunicação, Universidade Estadual Paulista, Bauro, 2018. Disponível em:

>https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=6403742< Acesso em: 05 abril 2023.

GELLATELY, Robert. **Lênin, Stalin e Hitler**: A era da catástrofe social. Rio de Janeiro: Record, 2010.

GILBERT, Martin. **A história do Século XX**. São Paulo: Planeta, 2016.

GOÉS, Weber Lopes. **Racismo, eugenia no pensamento conservador brasileiro: a proposta de povo em Renato Kehl**. 2015. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Disponível em:

><https://repositorio.unesp.br/handle/11449/124368>< Acesso em: 13 maio 2023

GOUVEIA, João Miguel Monteiro. **A Propaganda do terceiro Reich – O mecanismo de propagação da Ideologia Nazi**. 2022. Dissertação (Mestrado em Design e Cultura visual) – Faculdade de Design, Tecnologia e Comunicação, Universidade Europeia. Disponível em:

><https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/40049>< Acesso em: 07 abril 2023.

GUERRA, Andréa. Do Holocausto nazista à nova eugenia no século XXI.

Ciência e Cultura, São Paulo, v. 58, n. 1, 2006. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252006000100002&script=sci_arttext Acesso em: 26 abril 2023. Acesso em: 28 abril 2023.

GRECO, Dirceu; WELSH, James. Direitos humanos, ética e prática médica. **Revista Bioética**, Minas Gerais, v. 3, n. 24, p. 443-451, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bioet/a/mr599JB7wPNkYV3bbffWXXd/?format=pdf> Acesso em: 10 abril 2023.

HEINSFELD, Adelar; MAZUREK, Jerzy. Editorial – Dossiê Primeira Guerra Mundial. **Revista História: Debates e Tendências**, Passo Fundo, v. 14, n. 2, p. 256-267, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.5335/hdtv.14n.2.4570> Acesso em: 26 abril 2023. Acesso em: 27 abril 2023.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos: O breve século XX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. **A era das Revoluções: 1789-1848**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

HOWARD, Michael. **Primeira Guerra Mundial: Uma breve introdução**. Porto Alegre: L&PM, 2019.

KORNIS, Mônica Almeida. História e cinema: Um debate metodológico. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 237-250, 1992. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1940> Acesso em: 03 abril 2023.

LONGERICH, Peter. **Joseph Goebbels: Uma biografia**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

MARCOS, José Antonio García. La medicina sin rostro humano: "Eutanasia" y Experimentos Médicos durante el Tercer Reich. **Medicina & Historia**, Espanha, n. 1, p. 2-16, 2005. Disponível em: <https://www.semanticscholar.org/paper/La-medicina-sin-rostro-humano-%3A-Eutanasia-y-m%C3%A9dicos-Marcos/100d2659f027b0ccb105cef68760a4b894b2f0f5?sort=relevance&pdf=true> Acesso em: 09 abril 2023.

MAROSIN, Jônatas. **A influência da Propaganda Nazista no Marketing Político atual**. 2010. 67f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Social) – Curso de Publicidade e Propaganda, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/25561> Acesso em: 09 abril 2023.

MARTINS, Lilian Al-Chueyr Pereira. Darwin e os darwinistas. **Revista USP**, São Paulo, n. 123, p.119-130, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/download/165116/158213> Acesso em: 26 março 2023.

MEDEIROS, Gabriel Saldanha Lula de. A mentalidade hitlerista: como se formou o ideário político nazista. **Revista Multidisciplinar e de Psicologia**, São Paulo, v. 14, n. 49, p. 615-633, 2020. Disponível em: https://www.academia.edu/42103647/A_mentalidade_hitlerista_como_se_formou_o_ide%C3%A1rio_pol%C3%ADtico_nazista Acesso em: 09 abril 2023.

MELLO, Raphael; RAGGI, Riccardo; RICK, Vinícius. A influência da Teoria Ratzeliana na Adoção do Lebensraum pelo III Reich. **Fragmentos de Cultura**, Goiana, v. 18, n. ½, p. 153-168, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.18224/frag.v18i1.534> Acesso em: 27 abril 2023.

MONTEIRO, Gustavo Feital. **Juventude Hitlerista: Propaganda, Ideologia e Antissemitismo**. 2013. Monografia (Bacharelado em História) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, 2013. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/4644> Acesso em: 26 abril 2023.

MOURÃO, Paulo Fernando Cirino; PESSANHA, Samir Eid. A obra de Friedrich ratzel: Uma análise crítica acerca da lógica territorialista dos estados modernos. In: **GEOGRAFIA POLÍTICA E GEOPOLÍTICA CLÁSSICA E CONTEMPORANEA DOS SÉCULOS XX E XXI**, Rio de Janeiro, 2014, Anais do I Congresso Brasileiro de Geografia Política, Geopolítica e Gestão do Território, Porto Alegre: Editora Letra, 2014, p.217-228. Disponível em: acesso em: <http://www.editoraletra1.com.br/anais-congeo/arquivos/978-85-63800-17-6-p217-228.pdf><Acesso em: 09 abril 2023.

MORAES, Luís Edmundo de Souza. República de Weimar, suas crises e o Nazismo como alternativa. **Revista Maracanan**, Rio de Janeiro, n. 18, p. 111-133, 2018. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/maracanan/article/view/31432>< Acesso em: 31 março 2023.

MOTA, Aline da Silva. Os limites da liberdade de expressão diante da incitação ao crime de racismo à luz da publicação do “Minha Luta” de Adolf Hitler. **Revista de Direito Unifacex**, Natal, v. 7, n. 1, p. 24-39, 2018. Disponível em: <https://periodicos.unifacex.com.br/direito/article/view/878/286> Acesso em: 27 abril 2023.

NAVARRO, Daniel. El programa de eutanásia de Hitler: Lógica científica y la regulación legal de lo atroz. **Revista jurídica da Toledo de Presidente Prudente**, São Paulo, v,14, p. 18-34, 2011. Disponível em: <http://intertemas.toledoprudente.edu.br/index.php/INTERTEMAS/article/view/2728>< Acesso em: 24 setembro 2022.

NOVAES, Túlio Chaves. As Leis de Nuremberg: Análise jurídica e histórica sobre o processo de construção dos direitos. **Revista do Ministério Público Estado do Pará**, Belém, v. 11, n. 11, p. 167-183, 2019. Disponível em: <https://www2.mppa.mp.br/data/files/A3/F6/8F/EE/B072C710907A45B7BA618204/Revista%20MPPA%202019.pdf#page=168>< Acesso em: 14 maio 2023.

OLIVEIRA, Anselmo Carvalho de. A Sombra Nazista sobre o Debate em Relação à Eutanásia. **Revista Clareira**, Uberlândia, v.2, n.1, p.30-38, 2015.

Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/342690000_A_Sombra_Nazista_sobre_o_Debate_em_Relacao_a_Eutanasia< Acesso em: 06 novembro 2022.

OLIVEIRA, Vitor Medina dos Santos; NETO, Adalberto Coutinho de Araújo. A organização político-social do proletariado e a prefiguração dos direitos fundamentais. **Impulso**, Piracicaba, v. 28, n. 72, p. 49-60, 2018. Disponível em:

Acesso em: ><https://www.metodista.br/revistas/revistas-unimep/index.php/impulso/article/view/4034>< Acesso em: 11 abril 2023.

PAWLOWSKI, Carlos Eduardo. **O Espectro da Eugenia na Ficção de Monteiro Lobato: O Presidente Negro**. 2018. Monografia (Bacharelado em História) – Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Disponível em: ><http://hdl.handle.net/11422/17549>< Acesso em: 14 maio 2023.

PEREIRA, Wagner Pinheiro. Cinema e propaganda política no fascismo, nazismo, salazarismo e franquismo. **História: Questões e Debates**, Curitiba, v. 38, p. 101-131, 2003. Disponível em: ><https://revistas.ufpr.br/historia/article/download/2716/2253>< Acesso em: 07 abril 2023.

PEREZ, Francisco Javier de Prada. Niebla em agosto (2016) e La sombra del pasado (2018). Aktion t4: El plan de eutanásia nazi para la eliminación de las personas con discapacidad. **Rev. Med. Cine**. Salamanca, v. 17, n. 4, p. 275-290, 2021. Disponível em: ><https://dx.doi.org/10.14201/rmc2021174275290>< Acesso em: 04 setembro 2022.

PÉREZ, Maria Paz Campos. **Eutanasia y nazismo**. 2014. 37f. Grado em Enfermería. Universidad Pública de Navarra. Disponível: ><https://hdl.handle.net/2454/11239>< Acesso em: 04 setembro 2022.

PORTO, Rayssa; SILVA, Mirthis. Tratado de Versalhes: Sanções para a paz? In: **História e Parcerias**, local, Anais do II Encontro Internacional História e Parcerias, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: https://www.historiaeparcerias2019.rj.anpuh.org/resources/anais/11/hep2019/15_70572708_ARQUIVO_35278e3dd24756a6c85c9331993c1d65.pdf Acesso em: 28 abril 2023.

PRADO, Julio Cesar Gomes do. Ideologia do Holocausto. **Revista Maieutica**, Indaial, v. 5, n. 01, p. 67-73, 2017. Disponível em: http://publicacao.uniasselvi.com.br/index.php/FST_EaD/article/view/1661 Acesso em: 26 abril 2023.

QUINSANI, Rafael Hansen. Ensino de História, Cinema e Holocausto: uma reflexão teórica e didática. **Revista Aedos**, Rio Grande do Sul, v. 4, n. 11, p. 408-428. 2012. Disponível em: ><https://www.seer.ufrgs.br/aedos/article/view/30748>< Acesso em: 09 abril 2023.

QUINSANI, Rafael Hansen. História, memória e cinema: o caso Soldados de Salamina. **Revista Outros Tempos – Dossiê História e Memória**, Maranhão, v. 6, n. 7, p. 188-208, 2009. Disponível em: >https://www.outrostempos.uema.br/index.php/outros_tempos_uema/article/view/194< Acesso em: 7 abril 2023.

ROSSINI, Miriam de Souza. As marcas da história no cinema, as marcas do cinema na história. **Anos 90**, Porto Alegre, v. 7, n. 12, p. 118-128, 1999.

Disponível em: ><https://www.seer.ufrgs.br/anos90/article/download/6596/3917>< Acesso em: 12 abril 2023.

SOUZA, Éder Cristiano de. **Cinema e educação histórica**: Jovens e sua relação com a história em filmes. 2014. 358f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná. Disponível em: ><https://www.periodicos.ufpr.br/handle/1884/36157?show=full>
Acesso em: 03 novembro 2022.

SOUZA, Vanderlei Sebastião de; WEGNER, Robert. Eugenia ‘negativa’, psiquiatria e catolicismo: embates em torno da esterilização eugênica no Brasil. **História, Ciências, saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 263-288, 2013. Disponível em:
><https://www.scielo.br/j/hcsm/a/Hxj4PcSwZGZQzfTRgHpGCbC/abstract/?lang=pt>< Acesso em: 30 março 2023.

TEIXEIRA, Izabel Mello; SILVA, Edson Pereira. História da eugenia e ensino da genética. **Revista História da Ciência e Ensino**, São Paulo, v. 15, p. 63-80, 2017. Disponível em: ><https://doi.org/10.23925/2178-2911.2017v15p63-80>< Acesso em: 14 maio 2023.

THOMPSON, John. **Ideologia e cultura**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

VIZENTINI, Paulo G. Fagundes. **Primeira Guerra Mundial**: relações internacionais do século 20. Porto Alegre: ed. Da universidade/UFRGS, 1996.

WEIKART, Richard. **De Darwin a Hitler**: Ética evolucionária, eugenia e racismo na Alemanha. Campinas, SP: Vide Editorial, 2021.